



PUC RIO

UMA CONTRIBUIÇÃO AO EXAME PSICOLÓGICO DA
MOTIVAÇÃO EM RELIGIOSAS NO PERÍODO DE OPÇÃO

por

Ana Eugenia Ferreira

TESE DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

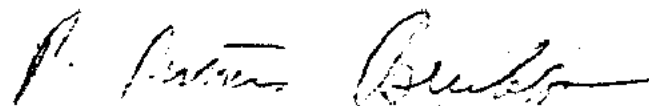
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO
RIO DE JANEIRO

UMA CONTRIBUIÇÃO AO EXAME PSICOLÓGICO DA
MOTIVAÇÃO EM RELIGIOSAS NO PERÍODO DE OPÇÃO

POR

Ana Eugenia Ferreira

Tese submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de
MESTRE EM PSICOLOGIA



Assinatura do Orientador

Rio de Janeiro, fevereiro de 1975

77992

BC



114269

150
F303
TESE UC
BT - 3452-0
ex 1

À memória de minha mãe, que participou
do início deste trabalho e agora não pode, vi
sivelmente, manifestar-me seu regozijo pelo
término do mesmo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho só se concretizou graças ao apoio e incentivo prestados por diversas entidades e pessoas, às quais desejo expressar o meu "muito obrigada!"

- à CAPES, por me ter concedido a bolsa de estudos que me permitiu realizar este trabalho.
- ao Pe. Benko, meu dedicado orientador, pelo cuidado, incentivo e carinho com que sábia - mente conduziu este trabalho, animando-me a prosseguir-lo;
- à Prof.ª Monique Augras, pela colaboração, apoio e sugestões durante a execução do mesmo;
- ao Pe. Décio B. Teixeira, atual consultor jurídico da Sagrada Congregação dos Religiosos, Roma, a quem devo o incentivo inicial que motivou a escolha do tema deste estudo;
- à Psicóloga Maria Alice Bogossian, pelo carinho, disponibilidade e inestimável auxílio no procedimento estatístico desta tese. Foram horas do seu convívio familiar que ela / me dedicou, privando a sua simpática família da sua presença, e a esta família também manifesto meus sinceros agradecimentos;
- à Prof.ª Angela Biaggio, pela solicitude / demonstrada quando lhe pedi o exame deste estudo;
- à Ir. Maria Antonia, Vigária das Religiosas da GB, pelo grande apoio e colaboração abrindo-me as portas junto às jovens religiosas;
- à direção das 3 escolas de Enfermagem: UEG, Ana Neri e FeFieg pela delicadeza e prontidão com que me acolheram naqueles estabelecimentos;

- às jovens religiosas e estudantes de enfermagem, com carinho especial, pela boa vontade com que colaboraram comigo. Sem esta preciosa colaboração, este estudo hoje não seria realidade;

- à Srta. Maria do Carmo Madruga, Srta. Sônia Sá e meu irmão Wolney, pelos trabalhos de datilografia e reprodução desta tese.

Enfim, ao Departamento de Psicologia da PUC e todas aquelas pessoas que direta e indiretamente concorreram para que este objetivo fosse atingido, o meu mais profundo e sincero agradecimento.

SUMÁRIO

Neste presente estudo, procura-se abordar um aspecto do tema bastante discutido e provocador de controvérsias: o problema da motivação humana.

Seria possível definir a motivação? Em cada escola ou sistema psicológico encontra-se uma definição. Ora é ela apresentada como sendo o resultado de forças externas que agiriam sobre o organismo, ora como a manifestação de forças inconscientes, ou então como interação de forças internas e externas.

Para M. Arnold, autora contemporânea, a motivação seria o resultado do conhecimento, avaliação e desejo de algo. Os objetos são avaliados no ato da percepção, e esta avaliação produz a emoção que leva o indivíduo a agir. O homem é visto como possuindo intrínseca atividade e portanto não precisando de algo interno ou externo que o impulse para agir. A ação é iniciada pelo conhecimento, apreciação e desejo da coisa conhecida. As emoções portanto, são motivadoras.

O objetivo deste trabalho é investigar a respeito da motivação de um grupo de jovens que escolheram a vida religiosa como profissão e ideal de vida. Julga-se que a opção de se consagrar a Deus e ao serviço da Igreja, seja algo que exija muito do indivíduo que a faz, isto é, requer uma motivação bastante sólida, ou como afirma M. Arnold, um índice motivacional positivo. Mas existem outras escolhas profissionais que apresentam também elevado nível de exigência motivacional, como por exemplo o magistério, a medicina, a enfermagem, etc. Tendo presente estas considerações, busca-se através de uma análise psicológica, as peculiaridades da motivação do grupo das jovens religiosas quando confrontado com um grupo de estudantes de enfermagem. Ambos os grupos apresentam interesses voltados para as áreas humanas, e denotam preocupação e abertura para com o outro. Contudo, quais seriam estas peculiaridades? Em que se diferenciaria a motivação destes dois grupos?

Para se responder a estas indagações foi utilizado o TAT de Murray. Na sua interpretação, porém, seguiu-se o método de M. Arnold que é um instrumento que procura evitar o modelo psicanalítico de projeção e identificação, e no qual se baseiam quase todos os métodos interpretativos do TAT. Este método, conhecido como Story Sequence Analysis ou SSA, tem como característica principal o fato de apresentar uma avaliação quantitativa do TAT, o que por sua vez permite levantar o índice motivacional do sujeito. Este índice, juntamente com a análise clínica do protocolo permite a previsão em termos de sucesso ou fracasso na carreira profissional escolhida.

Servindo-se de tal método, contudo sem lançar mão da previsão, o que implicaria num follow up, conseguiu-se obter como conclusão o seguinte: o grupo das religiosas difere como um todo, quantitativamente em seus índices motivacionais, do grupo das enfermeiras. Foi encontrado maior número de índices motivacionais positivos no primeiro grupo. A razão parece ser o fato de ter a vida religiosa, uma dimensão muito mais envolvente do que qualquer outra profissão. É toda a vida do indivíduo que entra em jogo, e não somente alguns aspectos da mesma. Isto logicamente, vai requerer, um índice motivacional bastante positivo, de quem faz esta opção. Além disto, a análise qualitativa dos protocolos revelou também características bem próprias de cada grupo, delineando com uma certa nitidez aquilo que constitui o perfil da jovem religiosa quando confrontada com a estudante de enfermagem.

SUMMARY

The present study is concerned with one aspect of the well known and controverted theme: human motivation.

Is it possible to agree on an accurate definition for motivation? In every psychological system or theory a different definition is found. It is presented as being the result of external strength acting upon the organism, as the manifestation of unconscious strength or as being the interaction of internal and external strength.

For Magda Arnold, a contemporaneous psychologist, motivation is the result of knowledge, appraisal and wanting of something. The object is appraised in the act of perception, and this appraisal produces emotion which / leads the individual to action. Man is conceived as possessing intrinsic activity and therefore he has no need of an impulse either internal or external conducing to action. / Action is started by knowledge, appraisal and wanting of the specific object. Emotions, therefore are motivating.

The purpose of this work is to investigate the motivation of a group of young women who have chosen religious life as a profession and ideal in life. It is believed that the choice of consacrating himself to God and to the service of the Church, is something which requires great effort from the individual, and so it is necessary for him to have a positive motivation index. However, there are other professions which demand a high level level of motivation, for instance, medicine, nursing, teaching, etc. Keeping these considerations in mind we will attempt to confront through psychological analysis, the peculiarities of the motivation in a group of young religious women with that of a group of nursing students. Both groups have demonstrated interests involving human areas, and / have shown worry and openness in relation to others. But, what would be these peculiarities? What are the motivation differences between these two groups?

In order to answer these questions Murray's TAT has been used. In its interpretation, however, the method adopted was M. Arnold's that avoids the psycho-analytic pattern of projection and identification, on which are based all the methods to interpret the TAT. In M. Arnold's method, known as Story Sequence Analysis, or SSA, the main characteristic lies in the fact that it presents a quantitative evaluation which allows the interpreter to establish the individual motivation/index. This index plus the clinical evaluation will make it possible to forecast success or failure in the chosen profession.

By applying this method, but without taking forecast into account which would imply a follow up, the following conclusions were reached: quantitatively the religious group as whole differs in its motivation index from the nursing group. A higher positive motivation index was found in the first group (the religious one). The reason seems to lie in the fact that religious life has a greater dimension than any other profession or career. It is the individual's whole life that is required and not just some aspects of it. This, of course, demands a more positive motivation index from those individuals who make this choice. In addition, the clinical evaluation has delineated the profile of the young religious woman as confronted with that of the young nurse.

INDICE

SUMÁRIO	iv
INTRODUÇÃO	x
CAPÍTULO 1 - Resenha histórica dos estudos realizados sobre o tema em questão	1
1.1 - Estudos realizados sobre o problema motivação nos candidatos ao sacerdócio e vida religiosa	2
CAPÍTULO 2 - Concepção teórica e metodológica do presente trabalho	15
2.1 - Concepção motivacional de M. Arnold	16
2.1.1 - Comparação entre o conceito de M. Arnold e o de McClelland	29
2.2 - Tentativas para analisar a motivação humana	33
2.3 - "Story Sequence Analysis" de M. Arnold.....	38
CAPÍTULO 3 - Abordagem Experimental	42
3.1 - Introdução	43
3.2 - Instrumentos utilizados	44
3.2.1 - Questionário	44
3.2.2 - O TAT e seu método de interpretação	48
3.3 - Hipóteses	56
3.4 - Amostra	58

3.5 - Procedimento estatístico	60
3.6 - Resultados de: 3.2.1	64
3.2.2	70
CAPÍTULO 4 - Análise qualitativa	73
CAPÍTULO 5 - Conclusão	93
BIBLIOGRAFIA	99
QUADROS	105
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

O termo "motivação" parece ter assumido as mais variadas formas possíveis. Manifesta-se no folclore, nas tradições e costumes, nos grandes sistemas filosóficos e na forma atual da ciência do comportamento. Os diversos conceitos contudo, apresentam semelhanças e se unificam quando / postulam que a motivação é um fator ou força que ajuda ou procura explicar a conduta.

Os textos de história da psicologia geralmente / não explanam o tema "motivação". Boring(1950) dedica um capítulo à chamada psicologia dinâmica, ao passo que Spearman (1937) dedica vários. São todavia, enfoques mais classificatórios, limitando-se a um trabalho pré-experimental. Young (1936) realiza um trabalho que já é experimental. Os livros mais recentes que falam muito do trabalho experimental, não dizem quase nada do ponto de vista histórico, como por exemplo Brown(1961), Hall(1961), Coffey e Appley (1964). Em contrapartida, Smith(1960) e Madsen(1961) examinam as bases filosóficas da teoria da motivação e sua história, porém, deixam de lado os trabalhos experimentais. Outros como R.Boles (1967) tentam reunir os dois enfoques: pré-experimental e experimental.

A motivação entre os vários ramos da psicologia é atualmente um dos tópicos mais discutidos e estudados. É uma vez que se procura relacionar a mesma com a profissão / que o indivíduo exerce ou pretende exercer, é possível que dados importantes a respeito do seu ajustamento sejam evidenciados. Por esse motivo, pareceu ser interessante ter como objeto de estudo a motivação de determinados indivíduos quando considerados como grupo.

Entre os vários autores que se preocuparam com este tema, ressalta-se Magda Arnold que procurou definir e pesquisar operacionalmente sobre motivação. Formulou ela, / um sistema teórico-experimental próprio, muito importante /

pela possibilidade de quantificação, já que os existentes, no parecer da mesma, não permitiam uma avaliação objetiva.

A finalidade deste trabalho é fazer uma revisão das pesquisas feitas sobre motivação de candidatas à vida religiosa, e a partir daí, contribuir para a compreensão da mesma através de uma pesquisa deste gênero. Procurar-se-á focalizar as características motivacionais deste grupo e confrontá-las com aquelas de um grupo de jovens enfermeiras, esperando assim atingir as peculiaridades motivacionais do primeiro grupo, já que a opção dos elementos do mesmo é bastante empenhativa e deve requerer alto índice motivacional.

CAPÍTULO 1

Resenha histórica dos estudos realizados

sobre o tema em questão

1 - Estudos realizados sobre o problema da motivação nos candidatos ao sacerdócio e vida religiosa

O exame psicológico da motivação religiosa é um assunto importante, e que já mereceu a atenção de vários estudiosos.

Nem todo indivíduo que deseje entrar para uma instituição religiosa ou se dedicar ao ministério religioso, chega a compreender as exigências que o mesmo impõe, ou o poder ou força de suas próprias tendências que poderão se incompatibilizar com as exigências da vida institucionalizada em si.

Para ser aceito em uma instituição deste gênero, o sujeito é submetido a uma seleção. Por muito tempo, tal seleção era feita na base de entrevistas e cartas de recomendação daqueles que enviavam os candidatos para as várias ordens e institutos. Com o advento dos testes psicológicos, começou-se a fazer um trabalho de seleção mais científico que vinha completar as observações dos superiores. Inicialmente utilizou-se tais instrumentos só para evidenciar aqueles que por razões de ordem patológica não eram aptos para o sacerdócio ou a vida religiosa. Mais tarde, testes de personalidade e inteligência foram aplicados. Contudo, tais testes ou combinações de testes não fizeram nada além de afirmar que o sujeito era apto ou não para tal estilo de vida.

Existem poucos estudos que procuraram medir o efeito de tais baterias. Em 1942 por exemplo, McCarthy relatou que a bateria usada por ele mostrava uma leve relação com aquilo que era julgado esperança para a vida sacerdotal ou religiosa. Ele encontrou que alguns dados que significavam adaptação e metas para os jovens em geral, não expressavam a mesma coisa tratando-se de candidatos ao ministério eclesástico. Em tais testes, adaptação equivaleria a um interesse normal pelo sexo oposto, encontros, etc.

Tais interesses, tratando-se da vida celibataria, são im próprios ou irrelevantes. De fato, o treinamento dado aos seminaristas e noviços promovem atitudes que seriam aponta das como desajuste se encontradas nos outros indivíduos. Por exemplo, um exercício em humildade pode resultar numa ocasional perda de confiança em si mesmo, as restrições da vida do seminário pode aparecer como falta de interesse so cial e o exame quotidiano pode dar a impressão de uma cong cientização muito viva das próprias faltas e insucessos e isto poderia aparecer nos testes como grau de neurotiza ção. (1)

Os testes usados para selecionar os candida tos para o sacerdócio ou a vida religiosa, preferivelmente não deveriam depender das normas válidas para a população em geral. Eles deveriam dar outras informações além de di zer quais indivíduos são aptos ou não para a vida consagra da a Deus. Isto significaria, no dizer de M. Arnold (2) uma passagem de testes de ajustamento para testes de perso nalidade. E nesta passagem os testes mais usados foram os testes projetivos como o Rorschach e TAT. O Rorschach foi então muito usado, principalmente por causa do seu método de apuração quantitativamente bastante preciso. (3) Mas o Rorschach demonstrou não ser o mais útil para quem se pro põe um estudo que não é só de seleção, mas é também uma avaliação da motivação do indivíduo em termos de futuro, is to é, prever o sucesso ou fracasso em uma determinada car reira.

O TAT por sua vez, foi muito interpretado in tuitivamente na base da teoria freudiana. Quanto mais ex-periência tivesse o clínico mais bem sucedido ele seria com

(1) Cfr. Herr, Arnold et al., Screening candidates for the
priesthood and religious life,
Loyola Press, Chicago, (1964) pag.3

(2) Cfr. Herr, Arnold et al. op. cit. pag.4.

(3) Cfr. Herr, Arnold et al. op. cit. pag.6.

as pessoas que apresentassem problemas, mas tal êxito não seria semelhante quando se tratasse de pessoas normais. Com tal método, o TAT não foi bem sucedido para predizer o nível de realização e de sucesso nas várias profissões, isto é, ele não dispunha de elementos para dizer se o indivíduo seria bem sucedido ou não, na profissão por ele escolhida.

Básicamente, o indivíduo que conta a estória estaria se identificando com o herói. E de acordo com a teoria freudiana, o homem projetaria somente suas tendências inconscientes e reprimidas e seriam estas que determinariam a ação. A maioria dos psicólogos que aceitam a identificação e a projeção também assumem que de tais projeções se possa deduzir os sentimentos e atitudes da pessoa que conta a estória. Contudo, eles são mais cautelosos a respeito da predição de ações, simplesmente porque as ações violentas que ocorrem frequentemente nas estórias dificilmente ocorrem na vida real. E se os sentimentos e atitudes não podem oferecer margem para uma predição das ações, a interpretação do TAT dentro desta linha de estudo teria um uso bastante limitado.

Foi em base a estas considerações que M. Arnold, pressionada pela necessidade de não só selecionar, mas também prever a que levariam as motivações, criou o método de interpretação denominado Story Sequence Analysis. Tal método, que será descrito no capítulo 2, torna possível a previsão daquilo a que levará a motivação do indivíduo. Originariamente ele foi usado com finalidades clínicas, mas depois elaborou-se um sistema quantitativo que permitiu prever a atuação dentro das várias profissões escolhidas pelos sujeitos que se submetiam ao teste.

Este método, segundo a autora, não assume nem prediz o comportamento do testando a partir das emoções ou ações do herói da estória. A moral ou "import" de cada estória é condensada numa breve afirmação que revela o que ele pensa das ações do herói ou das ações dos outros personagens, se ele endossa como próprias ou as censura. Desta

maneira, torna-se possível descobrir as convicções do testando, suas atitudes para com a vida, seus reais motivos. Esta interpretação permite também ver se a pessoa enfrenta seus problemas de um modo construtivo e positivo, ou se procura evadir ou resolvê-los de um modo não efetivo. Ai torna-se viável, com tal método, prever a atuação do indivíduo em qualquer carreira que ele escolha, embora existam ocupações que exijam uma motivação mais positiva do que outras profissões. Para ser um bom estudante é necessário ter um interesse real nos estudos e uma convicção séria de que vale a pena estudar. Para ser um bom professor é necessário também grande desejo de ajudar os outros. Para ser um bom religioso é necessário uma grande capacidade de colocar os interesses dos outros e da comunidade acima dos próprios. Ora, todas estas atitudes podem ser encontradas através da análise da sequência das estórias.

E desde que o narrador não parece projetar as tendências reprimidas nos personagens da estória, e não é permitido inferir a partir da mesma temas ou ações do herói que o narrador provavelmente imitaria na vida real, não é necessário usar gravuras com cenas piedosas para selecionar candidatos para a vida religiosa ou o sacerdócio. Tais gravuras poderiam até prejudicar se se deseja já um levantamento das potencialidades do candidato. Desejando-se conhecer a atitude do candidato em relação aos grandes problemas, deverá ser dado a ele possibilidade de contar estórias que abarcam todos os problemas da vida, não somente o setor da vida religiosa. Mesmo no claustro, os grandes problemas humanos devem ser enfrentados, embora, é lógico, com conotações diferentes. O que é importante para quem deseja seguir tal estilo de vida, é uma noção realista das próprias forças e fraquezas, e uma tolerância real e profunda para com os outros. Contando estórias sobre pessoas comuns e seus problemas, o candidato demonstrará seus desejos reais e suas atitudes positivas ou negativas que necessariamente estarão revelando muito dele mesmo.

Por esta razão, é melhor usar as gravuras comuns que retratam cenas da vida quotidiana ao contrário de cenas que mostrem padres e religiosos desempenhando o próprio papel. E desde que é a estória o mais importante e não a gravura, qualquer material poderá ser usado enquanto tal material for de interesse geral e podendo ser facilmente elaborado em estórias. (4)

Contudo, desejando-se organizar do ponto de vista histórico os estudos já realizados neste setor, pode-se tentar uma resenha histórica e também geográfica dos mesmos. Isto é, procurar-se-á situá-los em termos de tempo e também de espaço.

A aplicação das técnicas psicométricas ao campo vocacional teve origem nos Estados Unidos, seja em campo protestante como em campo católico. Naturalmente este movimento que deu lugar a estudos e investigações, favoreceu também o estudo da motivação nos candidatos, se bem que em proporção menor do que em outros setores da personalidade, sendo seu desenvolvimento mais lento.

Foi Thomas V. Moore (1936) que por primeiro, em campo católico, começou a investigar cientificamente e ressaltou a importância da psicologia na seleção dos candidatos. Tais ideias apareceram em 1936 num estudo publicado na revista "Ecclesiastical Review". (5) Num primeiro artigo ele examinava a proporção de casos de alienação em sacerdotes e religiosos de ambos os sexos, e num outro artigo (6) publicado naquele mesmo ano, afirmava ser necessária séria seleção para detectar os elementos psicopáticos no momento da admissão. Os dados que ele apresentava, demonstravam que se bem a proporção de distúrbios mentais em sacerdotes e religiosos era menor que o total da população a

(4) Cfr. Arnold, M., et al. -op. cit. pag.2 e ss

(5) Moore, T.V., Eccl. Review, n. 95, pag. 438-498, (1936).

(6) , Idem, pag. 601-613

americana, alguns desequilíbrios particulares eram mais frequentes. Tais eram: a esquizofrenia e a paranoia em ambos os sexos, a psicose de involução entre as religiosas e a PMD entre os religiosos.

O problema da motivação não foi, de início, considerado diretamente. W. Bier, (1954) em um artigo sobre o exame psicológico dos candidatos (7), alude ao tópico da "reta intenção" (8), dizendo que a psicologia poderia trazer sua contribuição neste setor, pois se tratava da motivação humana, a qual é bastante complexa. Outros autores também se preocuparam com o problema da motivação como Bowdern, T.S. (1942) e Garesche, E.F. também no mesmo ano. (9)

(7) Bier, W.C., Supp.V.Spirit., n.29, pag.118-151, (1959)

(8) O Código de Direito Canonico prescreve que se deva admitir ao estado religioso somente quem possui RETA INTENÇÃO e seja idôneo para cumprir os deveres que aceita (c.538). Analisando os documentos oficiais do magistério eclesial, percebe-se que tal preocupação é sempre crescente explicitando-se sempre mais. Basta examinar os documentos das duas últimas décadas como "Menti nostrae" de Pio XII (1950), a constituição "Sede Sapientiae" da Sagrada Congregação dos Religiosos (1956), a Carta da Sagrada Congregação dos Seminarios (1960), a Constituição Apostólica "Summi dei Verbum" (1963), o documento do Concílio Vaticano sobre a formação sacerdotal (1965) e o Decreto "Perfectae Caritatis" sobre a renovação da vida religiosa, para se constatar tal explicitação.

Com tais documentos, o problema da reta intenção vai se especificando cada vez mais chegando a se identificar claramente com o que em psicologia chama-se motivação. Já na Carta da Sagrada Congregação dos Seminarios, (27.9.1960), é bem explicita a necessidade do conhecimento psicológico dos candidatos ao sacerdócio. Diz o documento que a autoridade eclesial "tem obrigação estrita de controlar a reta valorização de uma vocação e é indispensável conhecer a personalidade do sujeito".

(9) Cfr. Espinoza, J. El examen psicologico de la motivación en los candidatos a la vida religiosa y sacerdotal

Mas foi especialmente Mc T.N. Carthy (10) que em 1957 discutindo sobre a cientificidade dos trabalhos de seleção vocacional chamou atenção sobre o fato de serem tais trabalhos de um modo geral puramente descritivos. No ano seguinte, 1958 a Dra. Magda Arnold (11) ressaltava a importância da motivação na conduta humana e a possibilidade de investigar as motivações básicas nas suas várias áreas. Ela propunha para tal finalidade o uso dos testes projetivos e particularmente o TAT. Nesta ocasião ela manifestou também seu propósito de desenvolver um método para a interpretação do TAT como instrumento para o estudo da motivação (e do qual se tratará amplamente a seguir).

Talvez o contingente maior de tais estudos tenha sido realizado em terreno protestante. Basta lembrar a tese de doutorado de Harman, A.P. (1930) apresentada na Universidade de Chicago e na qual o autor investiga os fatores que motivam a escolha do ministério. (12)

Uma outra série de estudos foi dedicada à análise dos fatores sociais e sua influência na motivação. Tais foram os estudos de Felton, R. A., (1949) (13),

(10) McCarthy, T.N. "Evaluation of the present scientific status of screening for religious vocation" In selected papers from the ACPA meetings of 1957-58, Fordham University, 1960

(11) Arnold, M. "The psychologist in the intellectual Apostolate", In selected papers from the ACPA, 1960

(12) Harman, A.P., "Motivating factors entering into the choice of the ministry a case study of ministerial students", Ph.D., Un. of Chicago, 1930

(13) Felton, R.A. "New ministers: a study of 1978 ministerial students to determine the factors which influence men to enter the ministry", Madison, N.J. Drew Theological Seminary, 1949

Glass, V.T. (1952) (14), Colwell, C.A. (1952) (15) e Fitcher, J. H. (1959) (16).

Outro estudo interessante é o de Southard S. no qual ele apresenta o resultado de um encontro de 24 especialistas entre teólogos, pastores, sociólogos, psicólogos e psiquiatras sobre o tema da motivação para o ministério. (17)

Um outro grupo de estudos foi dedicado à construção de um instrumento para o estudo da motivação nos candidatos para o seminário, sendo digno de menção os estudos de Kling, F.R. (1959) (18) e Dittes, J.E. (1964) (19).

Não seria possível mencionar aqui todos os esforços que se tem feito neste sentido em campo protestante nos Estados Unidos. A contribuição é realmente muito volumosa.

Voltando a atenção para a Europa, percebe-se que a grande contribuição vem principalmente da França e da Bélgica.

Enquanto nos Estados Unidos a investigação científica foi orientada, pelo menos inicialmente, para o

-
- (14) Glass, V.T. "An analysis of the sociological and psychological factors related to the call to Christian service of the Negro Baptist minister"
- (15) Colwell, C.A. "Motivations for choosing the Christian Ministry as a vocation"
- (16) Fichter, J. H. "The religious professional, Rev. Relig., Res. 1, pag. 89 - 101, (1959)
- (17) Di Southard, S. "Conference on motivation for ministry" Louisville, Southern Baptist Theological Seminary (1959).
- (18) Kling, F.R. "The motivations of ministerial candidates" Res. Bull., 59, pag. 48, (1959).
- (19) Dittes, J. E. "Vocational guidance of theological students - A manual for the use of the T.S.I. Dayton, O. Ministry Studies Board, (1964).

estudo da personalidade do candidato, na França e Bélgica a preocupação voltou-se para a análise dos aspectos constitutivos da "vocação" e dos fatores que poderiam contraindicar uma personalidade para o estado eclesiástico.

Uma contribuição muito valiosa neste sentido é dada pelos artigos publicados em algumas revistas como "Supplement de la vie Spirituelle", "Vocations Sacerdotales et religieuses" do centro vocacional de Paris e a revista "Nouvelle Revue Theologique".

Entre os vários estudos, salienta-se o trabalho de A. Benko-Nuttin dedicado principalmente a adaptar o teste de personalidade MMPI ao setor do seminário. (20)

Quanto ao problema da motivação os autores de língua francesa se orientaram desde o início para o exame das motivações inconscientes enquanto as mesmas influenciavam na escolha da vocação para a vida religiosa e sacerdotal. (Ver Nodet, Ch. (1950) (21); Ple, A., (1950) (22); e Cossa, P. (1951) (23).

Em 1954 A. Benko publicou um artigo intitulado "Exame da Motivação" no qual, fazendo alusões aos estudos citados acima, ele demonstra que com a obra da graça, intervem conjuntamente o mecanismo psicológico da conduta

(20) Benko, A., Nuttin, J. "Examen de la personalite chez les candidats a la pretise" Pub. Univ., Louvain (1956).

(21) Nodet, Ch. "Considerations psychoanalytiques à propos des attraites névrotiques à la vocation religieuse", Supp. Vie Spir., n. 14, pag. 279 - 306, (1950).

(22) Ple, A., "Peut-il exister des attraites inconscients à la vie religieuse?", Supp. Vie Spir., n. 14, 269 - 278, (1950).

(23) Cossa, P., "Fausses vocations et vocations troubles", Revue de Droit Canonique, n. 1, pag. 63- 68, (1951).

humana. Isto é, podem ser encontrados elementos efetivos recalcados na base de uma escolha da vida sacerdotal e aí então se poderia falar de uma falsa vocação que em si seria neurótica. (24)

Em termos de América Latina muito pouco tem sido feito. Alguns estudos foram realizados na Colômbia pelos Padres Agostinianos (1961), nos quais, entre outros fatores procurou-se analisar a motivação. (25) Outro trabalho muito interessante foi conduzido em Roma com clérigos de 14 nacionalidades, entre as quais, 5 latino-americanas, por J. Espinosa (1964) da Pontifícia Universidade do Equador (26).

Os estudos citados até agora, na sua grande maioria, não quase todos realizados com sujeitos do sexo masculino. A análise da motivação em campo feminino é quase totalmente inexplorada. Muitos estudos e pesquisas foram e estão sendo realizados nos Estados Unidos com religiosas, porém sem dar ênfase especial ao problema da motivação. Entre tais estudos salientam-se o de Peters (1942) que tentou analisar os traços de personalidade de 148 candidatas à vida religiosa (27), o de Mastej (1954) 12 anos

(24) Benko, A., "Examen de la motivation", Supp. Vie Spir., n. 29, pag. 152-159, (1954)

(25) Fermoso, P., "Técnicas psicológicas na seleção dos candidatos", Seminários, n. 14, pag. 7-22, (1961)

(26) Espinosa, J., "El examen psicológico de la motivacion en los candidatos a la vida religiosa y sacerdotal", Ed. da Pontifícia Universidade Católica do Equador, - Quito, (1969).

(27) Peters, Sister R., A study of the intercorrelations of personality traits among a group of novices in religious communities, Catholic University of America, Washington, (1942).

depois, no qual, usando a forma modificada do MMPI procurou estudar as características da personalidade de 500 religiosas (28); o de Vaughan (1956) que usando ainda a mesma forma modificada do MMPI como parte de uma bateria de testes, procurou investigar as diferenças de personalidade entre religiosas de vida ativa e vida contemplativa. (29)

Na década de 1958-1968 vários estudos foram realizados nos Estados Unidos como o de Urschaltz (1959) (30), Kohls (1958) (31), Kenoyer (1961) (32), Reindl (1965) (33), White (1970) (34), Springstead (1970) (35), e outros

-
- (28) Mastey, Sister M., A study of the influence of the religious life on the personality adjustment of religious women as measured by a modified form the MMPI. Unpublished doctoral dissertation, Fordham University (1954).
- (29) Vaughan, R.P., A comparative study of personality differences between contemplative and active religious women, Unpublished doctoral dissertation, Fordham University, (1956)
- (30) Urschaltz, Sister M., Selected areas of personal adjustment as related to length of community membership and vocation values among religious women educators, Unpublished doctoral dissertation, Fordham University, (1959)
- (31) Kohls, Sister T., The relation between personal adjustment and spirituality in religious sisters, Unpublished master's dissertation, Fordham University, New York, (1958)
- (32) Kenoyer, Sister M., The influence of religious life on three levels of perceptual processes, unpublished doctoral dissertation, Fordham University, New York, (1961)
- (33) Reindl, Sister M., A description of personality pattern changes in religious at various levels of training, unpublished doctoral dissertation, Loyola University, Chicago, (1965).
- (34) White, Sister M.R. A follow up study of candidates in a religious community, unpublished doctoral dissertation, Fordham University, New York, (1970)
- (35) Springstead, M.T., Problems of Postulants and novices in selected communities, unpublished doctoral dissertation, Fordham University, New York, (1970).

cuja preocupação foi analisar principalmente o ajustamento e outros problemas da religiosa na sua vivência comunitária, e não um enfoque direto da motivação, como é a finalidade do presente estudo.

No Brasil não se conseguiu muitos dados a respeito de estudos desta natureza.

Através do levantamento bibliográfico só foi possível encontrar um trabalho de natureza experimental realizado com sujeitos brasileiros. Trata-se do estudo de Theo Van Kolck (1961). "Aspectos psicológicos da vocação religiosa e sacerdotal." (36) O autor não especifica o sexo dos sujeitos e nem o número da amostra. Sabe-se somente que tais indivíduos foram seus pacientes e que os dados não resultam da análise feita dos elementos colhidos durante a terapia ou o aconselhamento. Ele observou que de um modo geral, os indivíduos do seu grupo apresentavam um interesse acentuado por atividades sócio-humanitárias, eram imaturos afetivamente e possuíam uma capacidade mental acima da média. Finalmente, ele faz uma análise da motivação dos indivíduos com relação à vida religiosa e sacerdotal.

Neste mesmo ano (1961) A. Benkő fazendo eco ao artigo anteriormente referido, publica um estudo teórico no qual ele focaliza o fato de se obrigar os seminaristas a se submeterem aos testes psicológicos, validade e modo de se proceder em tal testagem. O outro enfoque é a respeito do exame da motivação que é entendida como "razões e causas que levaram o candidato a querer abraçar a vida religiosa ou sacerdotal, o porque da sua escolha." (37)

(36) Van Kolck, T., "Aspectos psicológicos da Vocação Religiosa e sacerdotal", Revista de Psicologia Nacional e Patológica, n.4, pag.664-676 (1961).

(37) Benkő, A, "Aspecto psicológicos da Vocação Religiosa e Sacerdotal", Separata da Revista de Psicologia Normal e Patológica, n.4, pag.3-7, (1961).

Acredita-se que devam existir estudos deste gênero que porém, não receberam divulgação, e por isto a bibliografia é praticamente desconhecida. Obteve-se informação a respeito do trabalho de M. Thereza Caiuby Crescenti (1969) somente. Nele, a autora que é uma socióloga, procura ver a atuação e a atitude da religiosa diante das exigências profissionais do século XX. É um trabalho bastante rico porém, de cunho nitidamente sociológico. (38)

No campo psicológico não se conseguiu levantar nenhuma bibliografia específica relacionada com religiosas.

(38) Crescenti, M.T.C. Religiosa e profissão, CERIS, Rio de Janeiro, (1969).

C A P I T U L O 2

Concepção Teórica e Metodológica do Presente

Trabalho

2.1 - Concepção motivacional de Magda Arnold

Para se realizar uma pesquisa experimental sobre a motivação, torna-se necessário uma concepção teórica da mesma.

No presente estudo, depois de se considerar algumas concepções, decidiu-se adotar a posição teórica de M. Arnold não só porque a mesma apresenta um instrumento de aferição, mas principalmente por ter sido testada na aplicação a religiosos.

É bastante árdua a tarefa daquele que se propõe definir o termo motivação.

Reunidos num simpósio, realizado em Florença em 1958, os membros da Associação de Psicologia Científica de língua francesa empreenderam tal tarefa. A conclusão do simpósio foi a de que se concordava, de um modo geral, em considerar a motivação como o conjunto das forças que impulsionam o indivíduo na direção de uma meta determinando os seus comportamentos e suas condutas. (39)

A motivação se refere, portanto, não ao mecanismo do comportamento, mas aos fatores que lhe dão início e direção. Isto é, não se focaliza o "como", mas o "porque" da conduta. A complexidade deste porque é focalizada na descrição do processo da motivação que o mesmo simpósio procurou apresentar. Lá se afirma que a motivação corresponde a um processo que começa quando o indivíduo recebe um

(39) Cfr. Marzi, A., in La motivation - Symposium de L'Association de psychologie scientifique de langue française, PUF, Paris, (1959), pág. 5.

estímulo, seja do ambiente externo, seja do seu próprio mundo interior. Este estímulo se transforma em percepção de uma meta a ser conquistada porque satisfaz uma necessidade. O seu papel termina quando a conduta do sujeito se orienta naquela direção.(40)

Nota-se então, que no processo motivacional entram os conceitos de estímulo, necessidade e meta ou direção. Contudo, antes que fosse reconhecida tal complexidade, procurou-se explicar a motivação recorrendo-se a um destes conceitos. Isto é, somente os fatores cognitivos, ou o estímulo externo, ou a redução da necessidade vista como estímulo interno. Daí as diferentes teorias da motivação, diferenciando entre si pelas distintas classes de causas motivadoras postuladas em suas hipóteses.

No seu livro "Tache, reussite et ehec" (41) Nuttin (1953) distingue 3 modos de considerar a conduta humana. Antes de tudo tem-se a atitude mental que considera a conduta como uma realização daquilo que o homem quer e pensa. A explicação do que ele faz é dada em função do seu conteúdo mental consciente, portanto procura-se a motivação consciente dos seus atos. Este modo de explicar a conduta se identifica num certo sentido com o racionalismo tradicional que é uma explicação, como diz Bolles (1973) (42), ingenua, afirmando que a pessoa atua só devido ao fato de ter boas razões para atuar. Como se possui livre arbítrio, estas razões constituem uma justificação suficiente. Este é o modo de explicar a conduta própria do senso

(40) Cfr. Marzi, A., in La motivation - Symposium de L'Association de psychologie scientifique de langue française, PUF, Paris, (1959), pag. 5.

(41) Cfr. Nuttin, J., Tache, réussite et échec - theorie de la conduite humaine, Publications Universitaires de Louvain, (1953)

(42) Cfr. Bolles, R.C., Teoria de la motivacion, Editorial Trillas, Mexico, (1973), pag. 13.

comum, das ciências morais e históricas e o foi também da psicologia até o século passado.

Um segundo modo considera o comportamento como um processo que se realiza em um organismo humano ou animal sob o influxo direto de um conjunto de estímulos. O comportamento é a reação a um estímulo, e esta forma de comportamento se une a tal estímulo por uma conexão nervosa. O organismo passa a funcionar só como palco e não como ator, e o comportamento pode ser explicado, como qualquer outro fenômeno da natureza, sem recorrer a conteúdos mentais hipotéticos. O homem agiria de uma forma ou outra porque energias externas, determinadas, o alimentam no momento preciso. Seria, de uma forma análoga, como uma máquina que funciona e é alimentada por uma fonte de energia.

Este tipo de estudo que teve início na psicologia animal, foi aplicado à conduta humana mediante a obra especialmente de Watson, Thorndike, etc.

Finalmente existe um terceiro tipo de estudo que considera o comportamento como uma manifestação desviada de forças inconscientes. Assim se consegue explicar tantas formas de condutas patológicas ou puramente afetivas que não encontram uma motivação racional e por isto tornaram-se inexplicáveis ao primeiro tipo de estudo. Tal modo de estudo de a conduta, foi iniciada em campo patológico e estendeu-se hoje também ao campo normal por Freud e seus seguidores. É uma tentativa de encarar o sistema motivacional do homem sob o ponto de vista genético. Esta concepção possibilita uma explicação para a presença de diversos padrões motivacionais de acordo com o desenvolvimento da pessoa.

Com uma sistematização não tanto rígida como a anterior, mas colocando questões e procurando responder às mesmas de um modo histórico, isto é, situando grandes momentos do estudo da motivação, Magda Arnold procura conceituar a motivação humana. Para ela a relação causal entre o objeto percebido, a experiência emocional e a mudança corpórea,

constituiu sempre um problema para os teóricos.

Desde que a psicologia tornou-se ciência, três grandes soluções foram apresentadas para o problema: primeiro postulou-se que a percepção suscitaria emoção e a emoção causaria mudanças corpóreas; segundo, que a percepção induziria a certas mudanças corpóreas que seriam sentidas como emoções; e terceiro, que seria a percepção a suscitadora de emoções e mudanças corpóreas.

No seu livro "Emotion and Personality", (43), Magda Arnold (1960) apresenta a sua solução para este problema teórico. Segundo ela, as emoções são suscitadas não pela percepção direta, mas pela instantânea avaliação daquilo que se percebe; e que a emoção é a tendência para algum tipo de ação apropriada para esta avaliação, sendo acompanhada portanto de um padrão de mudanças fisiológicas. Ou para se ser mais exato: "We suggest that an emotion or an affect can be considered as the felt tendency toward an object judged suitable, or away from an object judged unsuitable, reinforced by specific bodily changes according to the type of emotion". (44)

Para desenvolver este ponto de vista sob uma perspectiva própria, a autora primeiro considera criticamente o trabalho feito anteriormente e depois avalia as teorias existentes.

A conexão entre emoção e motivação é algo bastante antigo. Para W. James, as mudanças fisiológicas estão juntas com a ação que é experimentada como emoção. McDougall e Freud uniram a emoção ao instinto; a força propulsora presente em toda ação. As emoções seriam motivadoras, embora

(43) Cfr. Arnold, M., Emotion and Personality, Columbia University Press, New York, (1960).

(44) Arnold, M., The Human Person, The Ronald Press Company, New York, (1954), pag. 294.

Young afirma que a emoção não é um motivo, mas somente sinal de que um motivo foi suscitado ou satisfeito. Somente quando as emoções se transformam em atitudes estabilizadas são elas capazes de motivar.

Para M. Arnold, em todas estas teorias o motivo é visto como algo que suscita, sustenta e dirige a atividade. Toda a atividade, não somente uma específica ação. Tal enfoque é muito vasto pois existem elementos que podem suscitar ação sem contudo serem motivações. É preciso saber porque a pessoa humana age e por que é levada a agir da maneira em que age. Os teóricos procuraram responder a tais indagações afirmando que uma ação pode ser explicada quando as forças que atuam ou atuaram sobre o organismo podem ser isoladas e descritas. Tais forças por sua vez, podem ser internas e externas. Na linha das primeiras, isto é, das forças internas, estariam os instintos ou impulsos. E como poderiam os instintos mover a um nível que não fosse biológico? Instintos adicionais deveriam surgir para explicar a motivação religiosa, social, cultural, etc, como por exemplo no sistema de McDougall. Tais "instintos" sociais e culturais não poderiam ter uma origem biológica. Contudo, os instintos são postulados com tal origem, porque certo impulso biológico torna-se necessário para explicar a ação. Sem um estado fisiológico como fonte da energia instintiva, de onde viria o impulso para a ação em tal sistema? Segundo M. Arnold esta objeção é resolvida através da afirmação de que os instintos ou impulsos secundários tirariam sua energia dos instintos primários, porém a explicação de como isto se realiza não é dada.

Se as noções dos instintos sociais e impulsos secundários não conseguiram explicar o porque das ações humanas, não seria a psicologia comportamental capaz de o fazer quando diz que as ações são respostas aos estímulos condicionados? Um estímulo incondicionado pode estar ligado a um número imenso de estímulos condicionados e a grande variedade de respostas pode ser explicada com a mesma facili-

dade, mas a dificuldade surgiria quando se procurasse tornar claro o fato de tais ligações.

Enquanto as teorias dos instintos ou impulsos não podem explicar como impulsos secundários possam surgir dos primários, as teorias do estímulo-resposta não conseguem explicar a ligação entre os estímulos incondicionados e os estímulos ou motivos que produzem respostas próprias do homem adulto.

Surgem então as teorias da motivação baseadas na necessidade. A palavra necessidade foi usada como substituto para impulso porque aparentemente ela livra o teórico de postular uma fonte biológica para a força impulsiva e torna possível estender o significado da necessidade para tudo aquilo que o indivíduo julgar necessário. Daí então as necessidades psicológicas e sociais poderem ser postuladas tão facilmente como as necessidades biológicas. Estas implicam sempre alguma reação inerente ao organismo conduzindo na direção do objeto desejado. Ora, quando se vai das necessidades biológicas às necessidades psicológicas e sociais nota-se que não existe reação orgânica inerente na direção do objeto desejado e certa explicação é exigida para se compreender como a ação é iniciada. Portanto, a necessidade psicológica ou terá que aceitar as restrições que são colocadas e postular alguma conexão entre as necessidades biológicas e as ações adultas, ou terá que dar alguma explicação a respeito de como as necessidades de qualquer espécie iniciam a ação.

É fácil mostrar que necessidades entendidas como deficit ou exigências do organismo não movem por elas mesmas à ação. A deficiência deve registrar-se de alguma forma, deve ser sentida, experimentada pelo organismo antes que a ação seja iniciada. E isto é evidente também no campo fisiológico.

As teorias da motivação baseadas na necessidade, também elas, para M. Arnold são inadequadas porque dei-

xam de lado a necessária ligação que poderia explicar a ação, mesmo no caso de necessidades básicas.

Seja como for explicada a motivação, isto é, como resultado dos instintos ou impulsos, das necessidades ou estímulos, o organismo é sempre assumido como um sistema reativo passivo que é energizado pelos motivos. Embora alguns teóricos como Maslow (1954), McClelland et al. (1953) e Hebb (1949), tenham afirmado que os motivos não são energizadores, mas somente dirigem a atividade que já existe no organismo.

Hoje, afirma M. Arnold, por influência das teorias nucleares considera-se o ser humano e os seres vivos como possuindo intrínseca atividade. De fato, a verdadeira definição do ser humano é aquela de ser um sistema "autómotriz" e auto conservador. Pode-se então postular atividade inerente no organismo vivo como um todo, uma atividade que não é iniciada por estimulação sensorial e que somente cessa com a morte. (45)

Partindo desta colocação de que existe também inerente atividade e não só passividade, não se deve buscar forças propulsoras especiais como sendo instintos, impulsos, ou necessidades para levar o ser humano à ação, nem se tem que assumir que o ambiente empurre para tal. O que deve ser explicado é como a atividade é dirigida, isto é, como uma ação específica é iniciada num dado caso. Os motivos que sustentam, iniciam e dirigem esta ação específica não são os motores propostos pelas teorias, mas alguma coisa que está acima dos impulsos internos ou instintos. Parece que os processos motivacionais e cognitivos são necessários para explicar a ação motivada, contudo, eles têm sido sempre considerados separadamente. Daí surgir entre os

(45) Cfr. Arnold, M., Emotion and Personality, op.cit.

teóricos a crença da interação entre estes dois fatores, mas tal interação coloca também seus problemas. Deve-se investigar antes de tudo como as forças internas agem porque talvez daí se possa descobrir algo a respeito da ligação entre processos motivacionais e cognitivos.

Para Mc Dougall, o instinto é uma disposição psico-física inata que leva o indivíduo a perceber o objeto como significante e como força atrativa que conduz à ação. Para Freud, o instinto é uma certa soma de energia que força o seu caminho numa determinada direção. Ele tem uma fonte de origem que é o estado de excitação dentro do corpo, e uma meta, remover a excitação, geralmente obtida por meio de objetos externos. Os instintos são, na visão do primeiro, propensões, disposições inatas que a situação presente torna atual. Para o segundo, o instinto é sempre presente, seja no inconsciente ou no consciente. O que é uma potencialidade para Mc Dougall, torna-se uma atualidade inconsciente para Freud.

Em toda esta especulação, M. Arnold se coloca mais na posição de Mc Dougall, que, para ela, é quem se aproxima mais da realidade. O instinto parece ser mesmo uma disposição inata para determinadas ações, ativado periodicamente por uma mudança do estado fisiológico.

O instinto parece, portanto, ser um termo usado para explicar alguns atributos do organismo que asseguram a organização e coordenação das ações numa sequência que procura um resultado útil ao invés de alguma energia específica, seja fisiológica ou psicológica.

No ser humano, ao instinto unem-se a reflexão, a compreensão e a escolha deliberada. Ele conhece a finalidade, a meta para a qual é atraído. "The human knows and appraises objects and situations not only as they affect him and now, but also as they affect his long - range goals, and as they are apart from him; his reaction is not only appetitive (emotional) but can be re

reflective and deliberate", afirma M. Arnold (46). Se se deseja descobrir como os motivos são formados, é necessário que se faça uma distinção entre meta, finalidade e motivo. Tudo o que move o indivíduo para a ação torna-se a meta da mesma; a finalidade da ação é alcançar a meta, e, portanto, a finalidade é o fim pelo qual a ação é empreendida. O motivo, por sua vez, parece ser um impulso que é avaliado como sendo um bem que conduz a agir, ou mais exatamente como diz M. Arnold, "we know that something must be appraised as good or beneficial before we can move toward it. But the appraisal itself is not the motive, nor is the wanting that follows it. The object appraised as suitable cannot be called a motive; it is the goal of action. A motive seems to be an action impulse (a want) that is appraised as good for action." (47)

O ser humano imagina o que ele quer antes de decidir obter o que foi imaginado. Ele concebe algum ideal e o persegue firmemente apesar das dificuldades.

Dentro deste prisma de considerações, chega-se à conclusão de que um motivo não pode ser totalmente inconsciente. Para se iniciar uma ação específica, deve existir uma avaliação do objeto do qual se aproxima ou se foge. Geralmente, o motivo sucede ou é precedido por um processo que é intuitivo e reflexivo. Quando predomina a intuição, o homem age encontrando dificuldade para explicar o porque da sua ação. (48)

As funções (quer sensoriais ou motoras), apetites e emoções têm uma tendência inerente para agir, embora o método de ação seja diferente em um ou outro caso. Os apeti

(46) Arnold, M., Emotion and Personality, op. cit., pág. 232

(47) Arnold, M., Emotion and personality, op. cit., pág. 233

(48) Cfr. Arnold, M., Idem, pág. 235

tes fisiológicos surgem por processos metabólicos; as emoções aparecem logo que uma avaliação intuitiva é feita de algo como agradável ou desagradável. Mas a auto-determinação precisa de um ato de escolha, o qual é baseado na avaliação de que um objeto não seja somente agradável, mas que seja também adequado para a pessoa naquele momento ou, embora não seja adequado mas que se lhe apresente como agradável.

Motivos racionais desenvolvem-se quando os vários usos de uma coisa podem ser compreendidos e o valor de um objeto apreendido. Enquanto a tendência inerente para a ação das funções psicológicas, dos apetites fisiológicos e emoções leva a agir sem esforço, o motivo racional exige uma decisão para agir e mantém tal determinação "to carry out the action". Tem-se a habilidade para fazer a escolha na base do que é útil ou valioso. O ato de escolha é uma tendência para agir como qualquer outra; a ação é iniciada por uma avaliação intuitiva, como emoção, mas requer uma decisão deliberada antes de conduzir à ação. Os motivos racionais não se desenvolvem a partir de motivos instintivos ou emocionais, nem os apetites fisiológicos ou emoções se desenvolvem a partir de funções sensoriais ou motoras. As funções individuais tendem para a ação logo que a oportunidade é dada, mas elas podem ser combinadas e ordenadas. Conhecer um objeto conduz à avaliação e ao desejo do mesmo, e o desejo levará à obtenção da coisa desejada. Quando o desejo de obter uma coisa conduz à obtenção da mesma, isto acarreta gratificação, quer a coisa satisfaça ou não um apetite fisiológico. A ação que conduz à posse pode ser iniciada por apetite fisiológico, por uma emoção que não tem um laço instintivo direto ou por um desejo que é deliberado ao invés de ser emocional. A sequência da ação instintiva é dada por um impulso natural, embora cada ação na sequência seja iniciada por conhecimento e desejo de alguma coisa. As funções apetitivas, sensoriais e motoras são combinadas e ordenadas numa sequência instintiva.

Esta combinação é funcional, mas uma vez iniciada ela é uma unidade coerente.

Aqui o ponto a ser lembrado é que o instinto como o entende M. Arnold, é um impulso para uma atividade ordenada atingindo uma meta determinada. O instinto dirige a ordem das seqüências da ação, que nos seres humanos deve ser completada pela escolha deliberada e refletida. Embora haja, como por exemplo na seqüência das atividades fisiológicas, ações que são ordenadas exclusivamente por um impulso inerente. Existem outras ações que são ordenadas em cada detalhe principalmente por decisões reflexivas, como a escolha de uma vocação determinada e o planejamento dos complicados passos que poderão levar à mesma.

Quando a meta emocional é ao mesmo tempo uma meta instintiva e racional (jovem querendo casar-se com a menina de sua escolha), emoção e desejo sexual estão incluídos no motivo racional, mas o motivo não é menos racional por isto. Somente quando a emoção e desejo sexual vão para uma direção e o raciocínio para outra (quando a garota já está casada, por exemplo) surge um conflito que exige uma escolha difícil. A decisão em si é o resultado de reflexão e deliberação, independente do caminho a seguir. A decisão para ceder à emoção é ainda auto-determinada e desejada. Para as pessoas adultas o agir seguindo só instinto e emoção é impossível, a não ser que a emoção seja súbita e arrebatadora e a ação ocorra na primeira avaliação intuitiva. (49)

Tal concepção da motivação assume que a pura energia muscular para cada ação surgiria dos processos fisiológicos normais que mantêm o organismo como um sistema vivo, ao invés de "drives" biológicos específicos. Portanto, não haveria necessidade de derivar os motivos adultos huma

(49) Cfr. Arnold, M., Emotion and Personality, op. cit. pág. 245

nos de umas poucas fontes de energia biológica. A ação é iniciada pelo conhecimento, avaliação e desejo de algo. Este desejo (quer emocional ou deliberado) é, no dizer da autora, "an action tendency mediated by natural pathways that carry motor impulses to the appropriate muscles" (50). As emoções e os impulsos não são fontes de energias, eles são tendências para a ação que levam a uma performance motora.

Os sistemas motivacionais não crescem naturalmente. Eles são formados por cada indivíduo na medida em que este exercita suas funções, "uses them to deal with things and people around him, and appraises the world in relation to himself." (51)

Um sistema motivacional pode desenvolver - se com pequena auto-direção quase ao acaso, quando as escolhas do homem são ditadas pelas oportunidades do momento, prevalecendo a opinião, ou pelo clima cultural e intelectual dominante. Um homem pode agir racionalmente largamente de acordo com seus ideais, ao passo que um outro poderia ser levado "astray over and over by his emotions." (52)

Os valores de uma pessoa podem mudar rapidamente, ao passo que os de uma outra são rígidos de modo que ela pode se adaptar às mudanças da vida só com muita dificuldade.

"In this way", afirma M. Arnold, "wittingly or unwittingly, every man establishes in the course of his life a hierarchy of values for himself that guides his actions. This may lead him to his development and perfection as a human being or far away from it." (53)

Em conclusão, pode-se dizer que para M. Arnold

(50) Arnold, M., Emotion and Personality, op. cit., pág 247

(51) Arnold, M., Idem, pág. 247

(52) Cfr. Idem, pág. 247

(53) Idem, pág. 248

O sistema motivacional de um indivíduo é bastante complexo e rico. O ser humano é visto como um sistema motriz e auto conservador. Daí postular-se então atividade inerente ao organismo vivo como um todo, uma atividade que não é iniciada por estimulação sensorial e que somente cessa com a morte. A natureza eminentemente ativa do homem é consequência do instinto que é uma disposição inata, dirigida na direção de determinadas ações, periodicamente ativado pelas mudanças do estado fisiológico. No ser humano, ao instinto unem-se reflexão, compreensão e escolha deliberada. Daí surgirem os motivos racionais que exigem uma decisão para agir.

A ação é iniciada pelo conhecimento, avaliação e desejo de algo. As emoções são em si mesmas motivadoras e não é necessário distinguir entre motivos e emoções. Toda percepção de objetos e situações é acompanhada pela avaliação dos mesmos como sendo atraentes e produzindo benefícios, ou repelentes e causando danos. Esta avaliação pode iniciar a tendência para sentir uma específica emoção acompanhada do ímpeto de realizar uma determinada ação. A avaliação emocional levaria o indivíduo à ação. Contudo, M. Arnold afirma que certas emoções não necessariamente conduziriam à ação. Na alegria tenta-se prolongar o estado que a produz, e no sofrimento perde-se a esperança de melhora. Existem emoções complexas e sutis que não necessariamente conduziriam à ação. Contudo, todas as emoções habilitam o homem a avaliar objetos e acontecimentos e julgar o valor dos mesmos para ele. Os sistemas motivacionais não crescem naturalmente. Eles são formados por cada indivíduo quando o mesmo exercita suas funções lidando com as coisas e pessoas em torno dele e avaliando o mundo em relação a si mesmo. Assim sendo, cada homem estabelece durante o curso de sua vida uma hierarquia de valores que guiará suas ações.

2.1.1 - Comparação entre o conceito de motivação de M. Arnold e o de McClelland

Parece que entre a teoria apenas descrita e a teoria de McClelland exista uma grande semelhança. Contudo, antes de apontar esta possível semelhança, faz-se mister um esboço rápido da teoria de McClelland.

Numa revisão dos possíveis modelos segundo os quais tornar-se-ia possível estudar as diversas teorias da motivação, McClelland, Atkinson e outros admitem ser possível isolar, pelo menos, quatro tipos de modelos teóricos: o da sobrevivência, o da intensidade do estímulo, o do padrão de estímulo, e o do despertar afetivo. (54)

McClelland, juntamente com seus colaboradores, propõem o quarto modelo teórico para estudo da motivação. Este modelo representa uma posição moderna da clássica teoria hedônica do comportamento. Para estes autores, este modelo baseia-se no fato de que certas condições inatas podem produzir afetos positivos ou negativos, operacionalmente definidos em termos de comportamento de aproximação e rejeição. Ou, como afirma McClelland (1953), somente quando a sucessão de respostas se torna uma sequência que resulta em aproximar-se ou afastar-se de uma situação, pode-se afirmar que existe um motivo (55).

E Cofer (1972), que cita McClelland, continua: "En muchos casos, la conducta puede aparentemente no mostrar características de acercamiento o de evitación, pe

(54) Cfr. Angelini, A.L., Motivação Humana, Liv. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, (1973), pág. 6.

(55) Cfr. McClelland, D., Studies in Motivation, Appleton Century Crofts, New York, (1955), pág. 227

ro, para indicar la existência de un motivo, debe reflejar basicamente dichas tendencias." (56)

Quando uma situação traz consigo prazer ou desprazer, o indivíduo vai esperar encontrar a mesma emoção quando se encontrar em situação semelhante. A realidade irá confirmar ou desmentir tal expectativa. Se a discrepância entre expectativa e a realidade for pequena, isto suscitará afeto agradável; se for acentuada, afetos desagradáveis. Depois de muitas repetições, um nível de adaptação é construído.

Os estados afetivos considerados em si mesmos - quer os de prazer como os de desprazer - não são incluídos na definição de um motivo. Os estados são antecipações de uma mudança afetiva; antecipação que poderá representar apenas uma fração do afeto original.

Um motivo poderá ser despertado por meio de pistas neurais, pela associação com mudanças afetivas. Sendo assim, qualquer pista que desperte uma antecipação de uma mudança afetiva, tanto para aumentar o prazer como o desprazer, será motivadora.

Nesta teoria, que apresenta pontos em comum com a lei do efeito de Thorndike, os motivos são sempre aprendidos. Poder-se-ia ilustrar esta afirmação de que os motivos são aprendidos, tomando como exemplo o próprio motivo da fome. Quando uma criança é privada pela primeira vez de alimento, não se poderá inferir a existência do motivo fome, mas somente alterações fisiológicas que produzirão no organismo infantil reações várias e provavelmente um estado afetivo desagradável. Somente depois que este estado afetivo desagradável for seguido do prazer da alimentação, é que se poderá dizer que o motivo fome passou a existir. A este estado de antecipação do objetivo é que se

(56) Cofer, C., N. et al. Psicología de la motivación-Teoría e investigación, Editorial Trillas, Mexico, (1972), pág. 374

que se chama motivo.

Magda Arnold afirma que, numa primeira visão, esta teoria apresenta muita semelhança com a sua própria colocação. Diz ela: "At first glance, there is a surprising similarity between McClelland's theory of motivation and our own view. He speaks of expectation and a graduality built up 'adaptation level' of such expectations based on experiences of weal or woe, as we do. For him, also, emotion is aroused by expectation. But from here on, our ways part." (56). E de que modo os caminhos se separaram ?

Para McClelland o que é desejado ou fugido não é o objeto, mas o prazer ou a dor que resulta do mesmo. Ele admite que o estado emocional (seja de prazer ou de dor), suscitado pelo objeto no primeiro contato com o mesmo, é inato. Em sucessivos contatos, os sentimentos de prazer ou de desprazer serão suscitados não pelo objeto, mas pela discrepância entre realidade e expectativa. M. Arnold discorda totalmente desta colocação de McClelland. Ela diz que o objeto deve ter um efeito semelhante ao que produziu a primeira vez, porque senão como iria ele confirmar ou desapontar as expectativas do sujeito ? Se o objeto não produz prazer ou desprazer e se estes sentimentos são só o resultado da discrepância entre realidade e expectativa, que efeito pode ter o objeto ? Se ele confirma uma expectativa de prazer, deveria já existir prazer antes que se julgasse que a expectativa fora confirmada. Se o objeto desaponta nossa expectativa, ele deve trazer menos prazer do que é esperado e pode até trazer pena. Em ambas as situações, ele deve suscitar um estado afetivo antes que se possa comparar este estado com a nossa expectativa.

Conceber a emoção como resultado da discrepância entre realidade e expectativa é uma noção bastante

(56) Arnold, M. , Emotion and Personality, op. cit., pág.

precária. Discrepâncias pequenas nem sempre suscitarão emoção como a teoria postula e grandes discrepâncias não são sempre desagradáveis. Um perigo real não se transforma numa situação agradável quando ele é um pouco maior ou menor do que se esperava. Concretamente, o estudante que esperava ser o primeiro da classe dentro dos 100 alunos e consegue o segundo lugar vai se sentir muito desapontado, e o que esperava a reprovação e consegue ser promovido não se sentirá descontente, mas bem ao contrário.

Para McClelland, diz M. Arnold, "a motive is really an emotional tendency toward something experienced as beneficial; hence it should always lead to action when it is strong enough." (57) Mas, M. Arnold objeta contra esta formulação assegurando que muitas vezes o indivíduo é fortemente motivado por algo que ele não se permite fazer ou ter. Até pelo contrário, às vezes luta-se contra a emoção para se reconquistar a "equanimity".

A teoria de McClelland não lhe permite distinguir entre "a wanting that is emotional in nature and a wanting that comes from the reflective estimate that a particular attraction is contrary to our best interests" (58), afirma M. Arnold. No segundo caso, deverá existir uma ação que não é ditada pela emoção e isto não seria explicável, ou não estaria nas premissas de McClelland.

Parece portanto que a semelhança entre as teorias seria dada pelo fato de ambas colocarem as origens da motivação no estado fisiológico. Quando se pretende acompanhar o curso da motivação e postular as razões do comportamento motivado, os caminhos se distanciam. M. Arnold dá a impressão de ser mais globalizante do que McClelland, de abranger o homem mais na sua complexa totalidade. É uma tentativa honesta que não deixa, porém, de apresentar suas dificuldades.

(57) Arnold M., Emotion and Personality, op. cit. pág. 240

(58) Cfr. Idem, pág. 241

2.2 - Tentativas para analisar a motivação humana

Justamente com o enfoque ou tentativa de definir a motivação, foi surgindo também a preocupação de con seguir mensurá-la, avaliá-la, enfim, poder apresentar uma análise qualitativa e quantitativa da motivação do indivíduo. Inicialmente, aparecem então as técnicas psicanalíticas ou técnicas de inspiração psicanalítica. Basta lembrar algumas como a associação livre, simbolismo dos sonhos, análise das resistências, análise do fenômeno da transferência, etc. Tais técnicas permitem uma abordagem, antes de tudo, dos motivos inconscientes e portanto ignorados pelo sujeito. Mas elas permitem também determinar o grau de integração e maturidade do comportamento motivado.

Outra técnica de tipo clínico é a entrevista que permite um contato direto com o sujeito para o estudo de sua personalidade e, por conseguinte, pode ser utilizada, em particular, no exame da motivação. Aliás, ela é considerada como instrumento principal da clínica psicológica. Segundo Hammer (1969) os testes projetivos estão a serviço da entrevista (59). De fato, tanto na entrevista comum como na entrevista projetiva (onde são utilizados testes), se registram e interpretam os diversos materiais biográficos expressivos, comportamentais e projetivos. A entrevista projetiva se diferencia então somente pelo emprego que faz de um estímulo padrão para provocar as projeções do sujeito. Trata-se portanto, certamente, de uma variedade experimental da entrevista que mobiliza, dirige e controla a proje-ção do sujeito.

Sem entrar aqui no questionamento ^{do} que seja a projeção, e se os testes classicamente chamados projetivos o são realmente, ou não, lembra-se somente a importância

(59) Cfr. Hammer, E. Testes projetivos graficos, Ed. Paidós, Bs. As., (1969), pág. 54

operativa e o nível de especialização profissional dos mesmos.

A bateria projetiva conta com um grande número de testes, agrupáveis de diversas maneiras segundo o critério com o qual se tenta classificá-los. Se eles são distribuídos segundo a via de comunicação que se propõe ao sujeito para lançar sua projeção, os instrumentos podem ser agrupados em 3 grandes divisões: verbais, (Roschach e TAT), lúdicos (Lowenfeld), e gráficos (Árvore, HTP, PMK etc.)

Entre as técnicas projetivas verbais, destaca-se, no estudo da motivação, o TAT ou Thematic Apperception Test de Murray. É por ser esta a técnica usada no presente trabalho, torna-se necessário uma breve consideração da mesma.

O TAT, tem sido descrito como revelador dos motivos conscientes e inconscientes do indivíduo. Baseando-se no princípio freudiano de que a fantasia tem um valor todo especial na compreensão da dinâmica da personalidade, Murray obteve grande sucesso na análise das produções da imaginação através desta técnica.

Segundo Murray os fundamentos psicológicos do TAT são dois, que de um certo modo se identificam com os princípios que dão valor aos testes projetivos em geral. Ou seja:

1. a propensão que tem o indivíduo, quando estimulado com um material ambíguo, a interpretar o estímulo que lhe é apresentado fazendo referências às próprias experiências passadas e necessidades presentes.

2. a tendência que a pessoa tem, quando se encontra em dificuldade, a compor estórias nas quais são utilizadas reservas das experiências e são expressados os próprios sentimentos e necessidades.

A interpretação do teste porém, sofreu muitas variações chegando-se a determinar diversas interpretações.

A teoria que mais influenciou na interpretação do TAT foi a teoria psicanalítica. Nela, até mesmo Murray se inspirou, além de basear-se na própria interpretação da personalidade dinâmica. Segundo tal teoria, pedindo-se ao sujeito para descrever as pranchas do TAT como uma prova de imaginação criativa ele ignora o fato de que narrando as histórias revela seus sentimentos mais profundos. O sujeito, usa os componentes do seu próprio passado ou do presente quando vai falar do herói da história, isto é, coloca nele as suas próprias partes ou conteúdos. Quando as necessidades expressadas no TAT não coincidem com a conduta observada, se busca a explicação de tal discrepância recorrendo aos conceitos de repressão, sublimação, formação reativa, etc.

A teoria analítica do TAT e sua interpretação sofreu uma evolução desde que Hartman e Kris deram maior importância à estrutura do Ego enquanto autônomo em sua origem e em sua função. Sendo assim, os impulsos seriam aqueles que proporcionam o combustível da conduta motivada, porém a estrutura do Ego determina a classe de conduta manifestada e sua direção. Por isto Bellak (1967) descreve as histórias do TAT essencialmente como um compromisso entre a interação dos impulsos e o Ego (60).

A interpretação das histórias pode seguir diferentes critérios pois o TAT apresenta-se como um instrumento bastante maleável. Segundo Angelini (1973) são inúmeras as modificações propostas pelos psicólogos que trabalham com o TAT. Ele cita por exemplo "Masserman e Babken (1939) e Meadow (1944) que acentuaram o uso da psicanálise na interpretação; Bellak (1942 e 1944) introduziu alterações técnicas; Harrison (1940), Rotter (1940 e 1946), Ra-

(60) Cfr. Bellak, L., et al. Psicologia Proyectiva, Ed. Paidó, Buenos Aires, (1967), pag.

paport, Gill e Schaffer (1945 e 1946) realçaram certas características formais na interpretação das histórias ; Oppenheimer (1945) solicitou dos examinandos a escolha de três figuras da série do TAT para a narração das histórias; Frenkel-Brunswick e Sanford (1945) combinaram seis figuras do TAT com outras quatro figuras para o estudo das características da personalidade associadas ao anti-semitismo; Clark (1944) combinou o TAT com a técnica da escolha múltipla, etc." (61) Estas modificações podem ser devidas à redução das pranchas, permissão da escolha das pranchas pelo examinando, aplicação coletiva, etc. Algumas destas interpretações têm em conta a forma e o conteúdo das histórias, e outras acrescentaram um sistema que permite uma análise quantitativa.

Para Angelini (1973), o TAT como técnica de medida da motivação humana é bastante criticável. Diz êle criticar o que os outros já acentuaram, ou seja, a falta de objetividade na interpretação. Como o teste vai depender da capacidade de intuição do pesquisador, a interpretação dos protocolos do teste não pode ser reduzida a uma técnica simples, integrada por regras fixas de avaliação (62). Parece, contudo, que este autor desconhece a técnica de M. Arnold que é uma tentativa bastante séria de objetivar a avaliação do TAT através de um método quantitativo e clínico ao mesmo tempo.

Os sistemas de interpretação do TAT podem ser agrupados em duas categorias : qualitativos e quantitativos. Existem métodos de interpretação que procuram reunir ambos aspectos, isto é, na interpretação usar tanto o enfoque qualitativo como o quantita-

(61) Angelini, A., Motivação Humana, op. cit., pág. 25

(62) Cfr. Idem, pág. 26

tivo. Esta foi, por exemplo, a finalidade de M. Arnold (1962), quando elaborou o método da "Story Sequence Analysis" que será descrito a seguir. (63)

(63) Cfr. Arnold, M., Story Sequence Analysis, Columbia University Press, New York, (1962)

2.3 - "Story Sequence Analysis" de M. Arnold

O método de análise sequencial da estória, ou o "Story Sequence Analysis" (SSA), é um modo bastante novo e original de interpretação do TAT. Para entendê-lo melhor, torna-se necessário lembrar rapidamente a concepção motivacional de M. Arnold. Para esta autora, "emotion, in its very nature is a tending toward or away from something, and will therefore lead to motor action and to possession or avoidance of the object aimed at." (64)

Nesta citação, encontram-se os pontos-chaves de sua teoria. A emoção conduz o indivíduo, através de um desejo de aproximação ou de fuga de um determinado objeto, a uma ação motora. Neste enfoque, a motivação se identifica com a emoção. O indivíduo age em decorrência daquilo que ele sente pelos objetos, pessoas ou valores do mundo que o rodeia. Desejando-se, portanto, saber como o indivíduo age ou agirá, dever-se-á saber o que ele sente, julga, e quais suas atitudes com relação às pessoas, coisas e valores da vida.

Segundo M. Arnold, preocupou-se muito em descobrir as tendências escondidas, o dinamismo oculto e esqueceu de que as pessoas lutam por aquilo que lhes é importante, e que o zelo com o qual elas buscam a meta está em proporção direta com o que é valor para elas. Desejando-se saber quão intensamente um indivíduo lutará, dever-se-á descobrir o que constitui valor para ele, suas atitudes e convicções; em suma: seus motivos. (65)

(64) Arnold, M., The Human Person, The Ronald Press Company, New York, (1954), pág. 307

(65) Cfr. Herr, Arnold et al. op. cit., pág. 48

Para a autora, contrariamente às concepções clássicas, os motivos do homem não são profundos, obscuros e sagrados. Toda vez que ele se esforçar, ele poderá descobrir e relatar as coisas que são mais importantes para ele.

O S.S.A está profundamente relacionado com esta concepção motivacional, já que ele busca conhecer o que o indivíduo sente para poder compreender o seu agir.

O TAT regularmente consiste de 20 gravuras, que são mostradas à pessoa que será testada, pedindo-se-lhe que conte uma estória completa com enredo e conclusão, as quais são condensadas numa afirmação que representa a síntese da estória. Esta afirmação não coloca nada além do que já foi dito na estória, como também não interpreta nem introduz dinamismo derivado de uma teoria. Não é também esta afirmação ou "import" (como aliás é chamado pela autora) um resumo da estória, mas é antes a moral da estória, o que o narrador está falando a respeito do herói e suas atividades nas circunstâncias que ele descreveu. Uma vez extraídos todos os "imports" das estórias, eles são colocados numa sequência, o que torna possível avaliar a habitual disposição do narrador, isto é, o modo como ele avalia as ações humanas e as circunstâncias da vida. Tal "import" mostrará como o narrador pensa que as pessoas habitualmente agem e como ele acha que deveriam agir; que ações ele julga que são certas e quais erradas; o que levará ao sucesso na sua opinião e o que conduzirá ao fracasso; o que poderá ser feito quando o perigo ameaça ou quando ele deverá enfrentar a catástrofe; quais as coisas da vida pelas quais vale a pena lutar e até mesmo se sacrificar, etc.

Em suma, os "imports" das estórias colocadas em sequência darão os princípios de ação e o padrão motivacional do sujeito. Obviamente, a predição torna-se fácil uma vez que se tenha destacado os princípios de ação de um de-

terminado indivíduo.

O S.S.A. permite, enfim, uma dupla possibilidade de de exame da motivação:

- avaliação quantitativa, a qual leva à obtenção de um índice motivacional (IM) que pode assumir valores desde 0 a 200.
- avaliação clínica do protocolo, a qual permite descobrir os problemas especiais e as dificuldades que deve enfrentar o sujeito. E dado que as atitudes positivas não podem por si mesmas garantir o sucesso ou a adaptação na escolha vocacional de um indivíduo, ao escore, isto é, à avaliação quantitativa se deve sempre acrescentar uma avaliação clínica da sequência.

No capítulo 3, abordagem experimental, se analisará mais em detalhes o S.S.A. que é o instrumento utilizado no presente estudo. Contudo, apesar dos poucos dados apresentados, é possível confrontar rapidamente o mesmo com o método criado por McClelland e seus colaboradores para avaliar a motivação.

McClelland parte do princípio estabelecido pela psicanálise e aproveitado por Murray no TAT-de que um meio eficaz para estudar os efeitos da motivação é o exame da fantasia - e desenvolve uma nova técnica para a medida da motivação humana. O método se propõe buscar a relação entre os processos motivacionais e os imaginativos para que se possa fundamentar a estimativa da força da motivação na análise dos protocolos temáticos.

Inspirando-se no TAT, mas diferenciando-se do mesmo quanto ao número de pranchas utilizado, por ter aplicação coletiva e avaliação eminentemente quantitativa, o método de MacClelland visa medir o motivo de realização que é aquele motivo que leva à competição com um padrão de excelência.

O S.S.A. procura avaliar o índice de motivação, que quando positivo se identifica com o motivo de realização de McClelland, e, como este último, ele dá muita ênfase à análise quantitativa, sem contudo se limitar só a este tipo de avaliação.

São, portanto, dois métodos que se assemelham em grande parte pelo embasamento teórico que ambos possuem e principalmente pela busca de objetividade que se procura garantir através de uma avaliação quantitativa.

C A P Í T U L O 3

Abordagem Experimental

3.1 - Introdução

O presente estudo experimental está vinculado aos objetivos deste trabalho, já colocados anteriormente.

Trata-se de uma análise exploratória do controvertido problema da motivação. Admitindo-se que é possível avaliar a motivação, e ligando-se a uma determinada concepção teórica e prática da mesma, exposta anteriormente, parte-se para uma análise exploratória. Por meio desta análise, procura-se avaliar o comportamento de determinados grupos diante de situações específicas.

3.2 - Instrumentos utilizados

Em ambos os grupos foram aplicados: inicialmente um questionário exploratório e depois o TAT de Murray. Foram utilizados 11 de suas pranchas, que, no pensar de M. Arnold, são suficientes para revelar o padrão motivacional de um indivíduo. (66)

3.2.1: - Questionário

O questionário tem a finalidade de fornecer dados pessoais complementares, substituir a entrevista e auxiliar no exame psicológico da motivação.

Tem ele, portanto, a finalidade de fornecer elementos que se tornariam necessários para a análise da motivação, sendo um instrumento auxiliar e exploratório.

Na sua elaboração, procurou-se ter presente os seguintes objetivos:

- 1 - Determinar dentro da faixa etária as idades específicas de cada sujeito. Embora se tivesse fixado uma amplitude de 20 a 30 anos, procurou-se ver dentro desta faixa onde caía a maior frequência. Acreditava-se que o fator idade poderia influenciar no índice motivacional dos indivíduos.
- 2 - Proveniência - Colocou-se uma interrogação a respeito do fato da proveniência do sujeito influir em sua escolha para a vida religiosa, isto é, os indivíduos que pertencessem a centros não industrializados e mais tradicionais estariam mais in-

(66) Cfr. Arnold, M., Story Sequence Analysis, op. cit. pg.

clinados a optar pela vida religiosa como profissão ?

Talvez pelo fato do lugar menos desenvolvido apresentar um número menor de alternativas, pela posição que em tais centros ocupa o religioso, etc.

Maria Tereza Caiubi Crescenti (1969) (67), no seu estudo "Religiosa e profissão", se preocupou também com o local de origem das religiosas de sua amostra. Aliás mais do que a procedência, ela se interessou pela qualidade do local onde a religiosa nasceu e se criou. Isto era importante em termos de que sua primeira socialização se fez junto a adultos presos a um mundo de caráter distinto daquele que hoje estão vivendo.

No presente estudo, a importância de tal item se identifica em parte com o que é dito acima. Isto é, a socialização primeira poderia ser bastante limitada e daí surgir o desejo de conviver em um mundo diferente que poderia ser um meio de ascensão social. De que modo poderia a procedência do sujeito influenciar em seu nível motivacional ? Este dado isolado pode não significar nada, mas se for aliado ao nível socio-econômico, ver-se-á que é possível trabalhar com ele em termos de uma hipótese que sondará a influência do mesmo sobre o índice motivacional dos indivíduos.

3 - Avaliação do nível socio-econômico

Para classificar as condições socio-econômicas dos sujeitos da amostra, serviu-se das perguntas sobre a profissão dos pais, e outros elementos considerados sig-

(67) Cfr. Crescenti, M. T. C., "Religiosa e Profissão", publicação da CNBB e CERIS, Rio de Janeiro, (1969).

nificantes por M. Augras (1974) (68), para se obter o nível socio-econômico de um indivíduo. Tais elementos são:

- ter moradia própria ou alugada
- ter empregados
- ter carro
- e a profissão exercida pelo pai ou pelo próprio indivíduo. No caso da religiosa, o exercício de uma profissão antes de ter ingressado na vida religiosa. E para as estudantes de enfermagem, o que elas fazem concomitantemente com o estudo

Da combinação destes elementos conseguiu-se estabelecer três (3) categorias para classificar o nível socio-econômico : inferior ou baixo, médio e elevado ou alto.

Inferior ou baixo seria a combinação de uma profissão não rendosa aliada à ausência de posses, de habitação e grande número de membros da família a ser sustentada.

A situação média implicaria em possuir casa , uma profissão liberal ou equivalente em termos econômicos, como comerciante, fazendeiro, etc. E o nível elevado ou alto seria consequência de profissões quer liberais ou não , porém rendosas, do fato de possuir imóveis e do número de pessoas que mantêm para prestar serviços.

A estes dados procurou-se unir também o fato do sujeito exercer ou ter exercido uma profissão (tratando-se das religiosas), e que tipo de trabalho foi este.

4 - Outros fatores que poderiam ter influenci

(68) Cfr. Augras, Monique, Opinião Pública, Ed. Vozes Ltda., Petrópolis, (1974).

ado a escolha do indivíduo, (religiosa ou enfermeira).

Fora de'dúvida, qualquer escolha profissional apresentará uma série de condicionamentos que nem sempre é possível ao pesquisador no assunto, isolar e submeter a uma análise.

No presente estudo por meio de questões fechadas foi viável o levantamento da existência de outras pessoas, como parentes próximos, que fizeram a mesma escolha dos sujeitos da amostra. Não se pretende afirmar que a escolha deles tenha sido determinada pela existência de tais indivíduos, contudo, é possível que tais indivíduos tenham exercido alguma influência.

No grupo das religiosas procurou-se aprofundar um pouco mais este item colocando-o em relação com os outros itens do questionário. Estes itens foram elaborados de modo que as respostas aos mesmos fossem fechadas, de múltipla escolha, apresentando também uma opção aberta. Eles procuraram indagar como a pessoa descobrira que tinha vocação para a vida religiosa e por que ingressara no instituto ou congregação ao qual pertencia.

5 - Sondar o nível de satisfação e realização pessoal

Pretendeu-se também com o questionário, verificar o nível de satisfação e realização profissional dos sujeitos. Para isto elaborou-se duas questões. A primeira colocava o sujeito em uma situação bastante prática: "Imagine que uma jovem queira seguir o caminho que voce seguiu e que venha se aconselhar com voce. Qual seria a orientação que voce daria a ela?" O sujeito poderia responder por meio de uma escala em 5 graus assim constituída:

- está absolutamente de acordo
- aprova em parte
- está indecisa
- não desaprova completamente
- desaprova veementemente

Na segunda questão a situação era bastante imaginativa e a resposta à mesma era totalmente aberta. Pedia-se ao sujeito para descrever em 10 linhas (no máximo) como ele se imaginava profissionalmente daqui há dez anos.

Na primeira esperava-se que os indivíduos que não se sentissem bem com a própria escolha manifestassem tal insatisfação no aconselhamento dado. Daí poder-se-ia inferir inclusive a respeito do seu êxito ou fracasso na opção feita, o que todavia, só teria validade se comprovado com um follow up.

Na segunda, acreditava-se que os indivíduos projetando-se no futuro em termos de realização profissional estariam também informando a respeito da própria satisfação profissional e do êxito ou fracasso futuro, o que de certo modo deveria refletir-se no índice motivacional de tais sujeitos. Contudo, também aqui é válida a observação anterior com relação ao follow up.

3:2.2 - O TAT e o método de interpretação do mesmo

Do TAT foram escolhidas as seguintes pranchas: 1,2,4, 7MF, 8MF, 9MF, 13HF, 14,15,16 e 18. O critério seguido foi a apreciação que das mesmas faz L. Bellak (1967) como se descreve a seguir:

- 1 - Importante para verificar como o êxito é obtido, isto é, se ocorre só no nível da fantasia ou da realidade também.
- 2 - Informações a respeito da vida familiar do sujeito e seu relacionamento com a mesma.
- 4 - Relacionamento entre homem e mulher e

possível problemática na área sexual.

7MF - Tema da maternidade. Podem ser colhidas informações em dois sentidos: relacionamento com a própria mãe e expectativa de filhos.

8MF - Contemplação, questionamento. (Embora Bellak não a julgue útil, resolveu-se incluí-la por apresentar uma atitude agradável à jovem: sonho, devaneio, contemplação, e também para a vida religiosa é útil).

9MF - Útil para se obter dados a respeito dos sentimentos entre as mulheres. Geralmente surgem sentimentos de competição, rivalidade, etc.

13HF - Conflitos sexuais em ambos os sexos. Nas mulheres pode trazer à luz temor da violação.

14 - Serve para revelar temores relacionados com a escuridão. às vezes mostra interesses estéticos e sugere histórias de realização de desejos.

15 - Revela noções e temores da morte como também traz à tona possíveis sentimentos de depressão.

16 - Prancha em branco - Possibilidade maior para o indivíduo se colocar.

18 - Excelente indicação da forma em que as mulheres manejam a agressividade. Os conflitos mãe-filha podem aparecer claramente. (69)

Com tais pranchas pretendeu-se indagar a respeito da atitude dos sujeitos diante dos grandes temas da vida como: amor, morte, Deus, agressividade, sexo, capacidade de

(69) Cfr. Bellak, L., et al. Psicologia Proyectiva, Ed. Paidós, Buenos Aires, (1967) pag . 131 e ss.

assumir o papel competitivo na sociedade hogdierna, etc.

A análise do TAT foi feita segundo o S.S.A. de Magda Arnold. Em seu sistema teórico-experimental ela afirma que a motivação não se manifesta através dos temas das estórias do TAT, mas na conclusão e no modo em que as mesmas são narradas. Reunindo estas conclusões ou "imports" em uma seqüência psicológica pode-se considerar as disposições habituais do sujeito; seu modo de ver e resolver os problemas da vida. Os "imports" das estórias tomados em seqüência manifestam os princípios de ação do narrador, isto é, seu esquema motivacional.

Os princípios de ação obtidos através dos "imports" são segundo M. Arnold, os motivos do sujeito, pois o motivo é por ela definido como "um desejo que leva à ação". O motivo inclui sempre uma tendência à ação e influi no dinamismo da mesma até que o objeto desejável seja alcançado.

A seqüência dos "imports" apresenta em conjunto a motivação existencial básica do sujeito, a qual resume suas atitudes motivacionais, seus princípios de ação, oferecendo também um bom prognóstico da maior ou menor possibilidade de sucesso do sujeito em suas atividades.

Tal análise do TAT ou Story Sequence Analysis permitirá pois, uma dupla possibilidade de exame da motivação:

- uma avaliação quantitativa que permite dar escores aos "imports" das estórias, os quais podem ser positivos ou negativos se as atitudes motivantes forem construtivas ou não: +2, +1, -1, -2.
- +2 quando o import descreve ação manifesta e positiva.
- +1 indica uma atividade que poderia não ser manifesta (planejar)
- 1 falta de ação positiva

-2 atitudes ou ações francamente negativas.

A soma destes escores que correspondem a 4 categorias (realização, atitudes que denotam o bem ou mal relações humanas e reação às adversidades) dará um resultado que indicará o índice motivacional do sujeito. Cada categoria corresponde a um algarismo romano, ou seja: I - significa realização, sucesso; II - atitudes que denotam julgamentos de bem ou mal; III - relações humanas; e IV - reações diante das adversidades. Estas categorias se subdividem dando origem aos títulos (A,B,C,D,etc.), subtítulos (1,2,3,4,etc.) e divisões destes últimos (a,b,c,d, etc.) Quando se classifica por exemplo um "import" como I (realização, sucesso) deve-se saber como, tal sucesso é obtido, e pode-se constatar que o mesmo é atingido por esforço ativo (o que corresponde ao título B), com iniciativa pessoal e não por ajuda dos outros (isto corresponde ao sub-título b); e assim por diante. Os títulos, subtítulos e divisões deste último são especificações do esforço que conduziu ao sucesso.

Um exemplo extraído do próprio manual de M. Arnold, tornará mais claro o que se tentou explicar. (70) Prancha 1 - "Eu sei a estória de um menino pobre que queria muito tocar o violino. O seu pai pensava que era um gesto inútil, mas a sua mãe o ajudou a mudar a mente de seu pai. Depois que ele ganhou o violino ele começou a estudar seriamente. Seu pai que era dono de uma casa de comestíveis começou a desaprová-lo e chegou mesmo a tomar o violino dele. Mas ele foi persistente e conseguiu obter de novo o seu violino, chegando a ser um grande profissional. Aos 25 anos de idade, ele já estava dando concerto num famoso teatro e ganhando

(70) Arnold, M., Story Sequence Analysis, op.cit. pag. 178 e ss.

muito dinheiro. Ele deu o dinheiro para sua família e desde então viveram muito felizes: pai, mãe, filho e violino".

Prancha 2 - Omitiu (Estava muito preocupada em terminar a 1^a estória)

Prancha 3 - "Um rapaz que era forçado a proteger a sua família contra um grupo de soldados nazistas na Hungria, sentou-se no chão e chorou amargamente quando se lembrou de um soldado que ele matara. Embora ele estivesse triste e se sentisse culpado da morte, ele sabia que fora uma ação justa e que ele salvara sua família".

Prancha 4 - "Esta jovem ama este homem e ele também a ama, mas ele teme que uma vez casado ela venha a saber que ele já esteve na prisão e com isto o abandone. Ele fôra preso sendo acusado de roubo, e embora fosse inocente ele não conseguira provar o contrário. Contudo, ela deu muitas provas de que era e sempre seria fiel a ele, e eles casaram e viveram felizes durante muitos anos."

Prancha 6 - "Uma triste e velha senhora está sentada enquanto observa o seu único filho saindo de casa. Seu filho sempre fôra bom e dedicado para com ela até que se envolvera com um grupo de marginais. Ele se tornou frio e ela sente que ele a trata como se fosse uma estranha. Mas depois que ele crescer ele compreenderá sua falta e voltará para a sua amada mãe."

Prancha 7 - "Um velho banqueiro que está se aposentando está ajudando seu jovem sucessor. Ele está enfrentando o grave problema de conservar o banco aberto, porque ele cometeu um sério erro e está agora triste, pagando caro pelo seu erro. Mas ele resolverá seu próprio problema rezando, e pagará o seu débito para

com a humanidade através da sua dor."

Prancha 8 - "Este jovem encontra-se entre dois campos que ele ama; o campo da medicina e o desejo de servir da melhor maneira possível o seu país. Algum dia ele estudará ambos os campos cuidadosamente e decidirá ser um médico e dos melhores possíveis."

Prancha 11- "Dez homens, alguns velhos e alguns jovens jovens tentaram explorar o Grand Canyon e o Rio Colorado. Estes homens terão ^{de} lutar com correntezas rápidas, altas e baixas. Alguns deles vão morrer, outros vão sobreviver e irão até à nascente do Rio e algum dia eles serão famosos."

Prancha 13- "Em tempos idos quando não se tinha muito para as crianças pequenas fazer é que isto aconteceu. Este menino estava sonhando em tornar-se um grande homem e abrir o caminho para outros pioneiros. Seu sonho um dia se tornará realidade; ele crescerá e se tornará um Daniel Boone".

Prancha 16- "Vejo um menino de cerca de dez anos de pé ao lado de uma cerca tentando apanhar uma maçã que está dependurada na árvore do vizinho. Como ele não é muito alto ele não será bem sucedido. Ele resolve então pedir a maçã ao vizinho que certamente lhe dará e então ele aprenderá: "Honestidade é a melhor política".

Prancha 14- "Esta é a gravura de um jovem artista que está olhando pela janela e pode ver abaixo de si as árvores e as flores que parecem pular diante dele como reflexo do límpido céu azul. Enquanto ele observa, ele pensa na genialidade de quem criou esta vista maravilhosa. Então ele compreende que a vida é ou-

tro dom de Deus e que a sua vida pertence a Deus. Ele vai então fazendo seu trabalho o trabalho de Deus".

Estes são os imports:

1. Quando alguém tem um ideal ele trabalha com tanto afinco na realização do mesmo que às vezes as pessoas que o rodeiam não o compreendem. Porém, no final a pessoa é bem sucedida e divide com quem não a compreendia os frutos do seu sucesso. +2,I,B,1,a.
2. Omitiu-se.
3. Tentando cumprir o próprio dever as pessoas às vezes são obrigadas a prejudicar terceiros e isto produz tristeza, embora a pessoa saiba que fez a coisa certa. +2,III,A,4,b.
4. Existe sempre o medo que as pessoas nos possam abandonar se ouvirem coisas pouco decorosas a nosso respeito; mas se formos inocentes as pessoas nos mostrarão fidelidade.
6. Más influencias podem afastar os jovens das pessoas que os amam. Mas quando eles amadurecem eles compreendem a própria falta e voltam. +2,III,C,3,a.
7. Os jovens podem cometer grandes erros mas eles pagam pelos erros cometidos e conseguem superar a própria falta com a ajuda dos mais experientes. +2,II,A,1,a.
8. Quando alguém está dividido entre dois campos de interesse ele estuda ambos e depois escolhe um e neste escolhido realiza grandes feitos. +2,I,A,1,a.
11. Os homens têm que lutar contra grandes dificuldades, mas aqueles que sobrevivem conseguem grandes feitos ao mesmo tempo que adquirem fama. +2,I,B,1,a.
13. Os jovens porém, que não têm muito para fazer podem sonhar com o sucesso e um dia o sonho deles torna-se realidade. -1,I,B,2,b.
16. Eles aprenderão também^{que} o que eles não podem conseguir por um esforço desonesto, pode ser conseguido

por delicadeza dos outros. +2, II, B, 1, a.

14. No final eles compreendem que a vida é precisamente um dom de Deus e transformam o próprio trabalho no trabalho de Deus. +2, I, A, 5, a.

Somados todos os pontos obtidos em cada import e depois olhando na tabela, obtem-se o índice motivacional desta menina que é 185; índice altamente positivo.

Ao lado desta análise quantitativa procede-se também a uma avaliação clínica.

No presente estudo, sem se descuidar desta análise clínica, deu-se contudo, mais ênfase à avaliação quantitativa dos protocolos. Para uma elaboração e análise estatística, mais diretamente interessavam os índices motivacionais dos sujeitos.

3.3 - Hipóteses

Foram levantadas as seguintes hipóteses:

- I - As jovens que procuram a vida religiosa e que já estão se formando para esta vida de maior doação a Deus e aos semelhantes, possuem, considerando-se tal grupo como um todo, índices motivacionais significativamente diferentes de um grupo não religioso mas voltado também para interesses altruístas, de doação?
- Ia - Supôs-se que os indivíduos que iniciam uma determinada carreira, quando são mais jovens apresentam maior entusiasmo com a escolha feita. Em termos operacionais dir-se-ia que: seu índice motivacional é significativamente mais alto do que o índice dos indivíduos já estabilizados. Quanto aos índices motivacionais procurar-se-á verificar, em relação à variável idade, qual a possível diferença tanto dentro quanto entre os grupos testados.
- Ib - A opção para a vida religiosa é ainda vista, principalmente fora dos grandes centros, como um meio de ascensão social. Sendo isto um dado supostamente real, é de se esperar que as pessoas que tenham nível sócio-econômico alto, isto é, que não tenham vindo buscar uma promoção social na vida religiosa, apresentem um índice motivacional quantitativamente mais elevado ou qualitativamente mais congruente do que aquelas que conscientemente ou inconscientemente tenham buscado uma melhoria de status. Buscar-se-á então, verificar a possível influência da variável nível sócio-econômico sobre a motivação das religiosas. Paralelamente buscar-se-á ver se entre as

enfermeiras existe diferença entre os índices motivacionais daquelas que têm melhor situação econômica e aquelas de condição econômica inferior.

Ic - Pode-se supor que depois de certo tempo transcorrido num convento, aquela imagem idealizada da vida religiosa começa a ruir. Te-se-ia pensado encontrar algo mais perfeito, mais de acôrdo com a imagem criada anteriormente. Começam a surgir então as desilusões, os desencantamentos e por conseguinte arrefece um pouco o ímpeto inicial de tal escolha. Haveria portanto, no índice motivacional das jovens religiosas uma possível diferença devido à influência da variável "tempo de vida religiosa"? Aquelas que tivessem mais de 5 anos de vida dentro do convento apresentariam alguma diferença com relação às outras com menos tempo?

II - A ocorrência de resultados que expressam índices de motivação mais genuínos, constitui característica adicional de um dos dois grupos - onde a doação é, supostamente um dos fatores básicos - ou tanto o grupo das religiosas quanto o das enfermeiras apresentam índices motivacionais que qualitativamente podem ser avaliados como semelhantes?

3.4 - Descrição da amostra

A amostra utilizada na presente pesquisa compõe-se de 2 grupos: um de jovens do sexo feminino que escolheram a vida religiosa como ideal e profissão de vida, e outro de jovens estudantes de enfermagem.

O número de sujeitos escolhidos atingiu 35, e são jovens pertencentes a 19 institutos e ordens religiosas de um total de 22 que integravam o movimento de junioristas da GB e Estado do Rio. Quase todas as congregações, exceção apenas de 3, foram representadas na amostra.

Selecionou-se apenas GB e Estado do Rio por motivos práticos. Contudo é curioso notar que não obstante a amostra se tenha limitado a estes dois estados, a representação de outros estados é bem marcante. Os sujeitos fixados aqui na Guanabara têm a seguinte procedência: Minas Gerais 16; Sta. Catarina 5; Pernambuco 3; Paraná 3; Espírito Santo 3; São Paulo 1. No Estado do Rio residiam 4 dos sujeitos.

Tais sujeitos, em 1973, época em que foram levantados os dados, atingiam o número de 150. Eram jovens que se encontravam no período de opção da vida religiosa, não estando ainda totalmente vinculadas com o instituto ou ordem religiosa. Embora o número fosse de 150, aquelas que se situavam dentro da faixa que o presente estudo se propunha, isto é, 20 a 30 anos, perfaziam um total de 58 sujeitos. Dentre estes, selecionou-se aleatoriamente 35 sujeitos, número que se justifica como suficiente estatisticamente em relação ao número de elementos do grupo em questão.

O grupo das jovens estudantes de enfermagem é constituído também de 35 sujeitos do sexo feminino, faixa etária 20 a 30 anos e pertencentes às 3 escolas de enfermagem de nível superior da GB (Fefieg, UEG e Ana Neri). Dentre as 215 estudantes de tais estabelecimentos escolheu-se aleatoriamente os 35 sujeitos.

Duas amostras de natureza distinta. Uma formada de jovens religiosas e outra com jovens estudantes de enfermagem. Ambos os grupos com interesses voltados para o campo assistencial. O primeiro porém, com conteúdo de natureza religiosa, enquanto o 2º de conteúdo mais prático. Nisso está a razão de ter-se escolhido tais grupos.

Nestes dois grupos foram controladas as seguintes variáveis:

- a) sexo - Trabalhou-se apenas com amostras femininas.
- b) amplitude etária - Os dois grupos oscilaram entre limites de 20 a 30 anos.
- c) período de formação profissional - Os sujeitos de ambos os grupos estavam ainda em período de formação. Isto evitou uma possível interferência de eventual sucesso sobre o índice motivacional.

3.5 - Procedimento estatístico

Para testar a primeira hipótese foi escolhido o teste "t" de Student com o objetivo de determinar a significância estatística das diferenças entre as médias nos 2 grupos. Esta escolha se justifica:

- 1ª) Por se estar trabalhando com amostras de tamanho relativamente reduzido;
- 2ª) Não se ter qualquer garantia quanto à forma de distribuição dessa variável nas sub-populações para as quais se infere:

TABELA 1 - Distribuição dos resultados nos grupos testados

	Religiosas	Enfermeiras
X	116,11	105,54
S ²	348,10	364,92
S	18,66	19,10
N	35	35

Numa distribuição amostral t para 2 amostras independentes, grupo das religiosas e grupo das enfermeiras, com 34 graus de liberdade para cada grupo em hipótese bi-caudal, decidiu-se trabalhar com um nível de significância 0,05 aceitável para este tipo de estudo.

Com estes graus de liberdade para $\alpha = 0,05$ $t = 2,00$; obteve-se como resultado $t = 2,31$ o que vai permitir a afirmação de que rejeita-se H_0 . Isto é, realmente há diferença significativa quanto ao índice de motivação do grupo das religiosas como um todo confrontado com o grupo das enfermeiras, e tal diferença pode ser atribuída a um fator específico daquele grupo.

Para estudar as diferenças da motivação, considerando-se uma possível alteração provocada pela variabilidade, ou seja para testar a hipótese H_1 , o teste es

tatístico usado foi a análise da variância de Snedecor. Ele foi aplicado para um experimento fatorial 2x2 em grupos a leatoria e independentemente constituídos.

Em grupos não emparelhados (C.R.D.) a variância que ocorre dentro dos grupos pode ser atribuída a uma variação desconhecida, interpretável como fonte de erro.

Portanto, depois de conhecida a variação total decompôs-se a variância em seus aspectos constitutivos, o que permitiu aprofundar o estudo em questão, analisando o efeito das variáveis independentes, grupos A1 e A2 e B1 e B2 assim como o possível efeito de uma interação sobre a variável dependente (motivação). Estabeleceu-se como ponto de corte a mediana dentro de cada grupo o que permitiu dicotomizar cada um dos grupos em 2 sub-grupos: o das mais jovens. A tabela abaixo sintetiza os resultados:

TABELA 2 - Análise da variância:

Fontes de variação quanto a variável idade

Fontes da Variância	S. Quadrados	G.L.	MQ	F
A	1955,7143	1	1955,7143	5,18
B	27,2501	1	27,2501	n.sig.
AxB (interação)	10,7563	1	10,7563	n.sig.
Residual (erro)	24918,2222	66	377,5503	
Total	26911,9429	69		

A= grupos

B= idade

Para testar a hipótese H_0 , possível influência da variável nível sócio-econômico sobre a motivação usou-se também o mesmo procedimento estatístico usado na testagem da hipótese H_1 .

A tabela abaixo resume os resultados:

TABELA 3 - Análise da variância
Fontes de variação quanto a va-
riável nível sócio-econômico

Fontes de variância	S. Quadrados	G.l.	MQ	F
A	1955,7143	1	1955,7143	5,1888*
C	118,2880	2	59,1440	n.sig.
Interação Ax C	713,7553	2	356,8777	n.sig.
Erro	24124,1853	64	376,9404	
Total	26911,9429	69		

A = grupos

C = níveis sócio-econômicos

Portanto, os resultados dizem não haver diferença significativa entre os grupos que apresentam discrepâncias quanto ao nível sócio-econômico.

Procurou-se saber também, se no grupo das religiosas o índice motivacional não seria influenciado pelo fator tempo ou permanência na vida religiosa. Para testar esta hipótese Ic, usou-se o teste t de Student com 33 g.l. a um nível de significância de 0,05.

Constatou-se um resultado de 0,16 o que leva à impossibilidade de rejeitar a hipótese nula. As diferenças do índice motivacional entre as religiosas que apresentassem mais de 5 anos de vida religiosa, e as que tivessem menos tempo de permanência no convento seriam flutuações de amostragem.

Para testar a hipótese II, utilizou-se a técnica do X^2 , aplicável a dados de frequência. A testagem

desta hipótese se justifica como complementação de informação em relação à hipótese anterior. Decidiu-se excluir resultados iguais a 100 por não serem indicadores de motivação positiva ou negativa.

χ^2 para $\alpha = 0,05$ com 1 g.l. = 3,841

Obteve-se para os dados da pesquisa um $\chi^2 = 4,15$, o que é significativo ao nível determinado.

Para maior clareza, observar o quadro abaixo:

TABELA 4 - Distribuição das frequências entre os dois grupos

Religiosas		Enfermeiras	
100	28	19	47
100	4	10	14
	32	29	.

3.6 - Resultados

Resultados de 3.2.1

O questionário teve um aspecto, como já referido, eminentemente exploratório. Os dados colhidos através do mesmo, forneceram elementos que auxiliaram no exame psicológico da motivação.

Torna-se necessário também, salientar que o questionário usado com as religiosas apresentou maior número de questões do que o das enfermeiras.

A razão disto está no fato de se ter pesquisado a respeito da escolha da congregação ou instituto religioso, da atribuição atual dentro da congregação, de como a jovem religiosa sentiu o primeiro apelo para se consagrar a Deus, etc. Estes dados são importantes em se tratando das religiosas, mas não eram significantes no caso das enfermeiras.

A apuração dos questionários revelou o seguinte:

- 1) Quanto às idades dos sujeitos, soube-se que em ambos os grupos as frequências se distribuíram de modo a se poder verificar uma aglomeração maior em torno de alguns marcos. Isto é, no grupo das religiosas a incidência maior foi em torno de 26 anos, onde se evidenciou 20%, e 30 anos onde se registrou 17%. No grupo de estudantes os mesmos índices se verificaram em torno de 20 anos: 20%, e 21 anos: 17%.

Ou para ser mais preciso:

Religiosas		Enfermeiras	
Idade	Frequência	Idade	Frequência
20	4	20	7
21	2	21	6
22	3	22	3
23	0	23	4
24	1	24	4
25	2	25	3
26	7	26	1
27	3	27	4
28	4	28	2
29	3	29	0
30	6	30	1

Parece portanto, que a tendência no grupo das religiosas é de se concentrarem as frequências no limite de 26-30 anos, ao passo que entre as estudantes de enfermagem observou-se justamente o inverso.

- 2) De que modo poderia a proveniência do sujeito influenciar em seu nível motivacional? Seria necessário uma análise muito mais profunda do que a que se fez neste trabalho, para se responder a esta interrogação. Não se pôde elaborar suficientemente este item, contudo os dados aqui levantados puderam ser aproveitados numa associação com os dados concernentes ao levantamento do nível sócio-econômico. Tratando-se de religiosas que vivem principalmente na GB é curioso ver como também no presente estudo, a maioria provém do estado de Minas Gerais, ou seja 46% da amostra. Diz-se "também", porque no trabalho de M.T.Caiubi das 199 informantes 59 eram mineiras. É verdade que Minas Gerais é um estado onde a industrialização se faz bastante presente, mas o seu interior, de onde

provém todos os sujeitos, é ainda bastante agrícola. São cidades pequenas, com população oscilando entre 5.000 a 30.000 habitantes.

Os outros sujeitos da amostra de distribuem as sim quanto à procedência: 17% de Sta. Catarina, 11% do Estado do Rio; 8% do Paraná, Espírito Santo e Nordeste; e 2% de São Paulo.

No grupo das estudantes de enfermagem os dados se agruparam do seguinte modo: a grande maioria é proveniente da GB, ou seja, 68%. Segue-se o Estado do Rio com 11%, Nordeste com 5%, Santa Catarina, Maranhão e Pará 2%.

As religiosas vieram de fora, na sua maioria, para a Guanabara.

As estudantes de enfermagem por sua vez são nativas da Guanabara.

- 3) Desejando-se saber-se o nível sócio-econômico exercia influência sobre o índice motivacional dos sujeitos, procedeu-se primeiro ao levantamento do padrão econômico destes sujeitos, e em seguida procurou-se relacionar o mesmo com o índice motivacional obtido com os mesmos sujeitos.

Do grupo das religiosas 51,4% pertencem ao nível sócio-econômico baixo, 37,1% ao nível médio, e 11,4% ao nível alto.

Antes de entrar para a vida religiosa a grande maioria, ou seja 65,7% não exerceu nenhuma atividade profissional. Isto é devido em grande parte à pouca idade. As outras tiveram as mais diferentes experiências profissionais: 3 foram professoras primárias, 2 costureiras, 2 domésticas, 2 secretárias, 1 funcionária pública e 1 auxiliar de laboratório.

Na vida religiosa as atividades atuais destes mesmos indivíduos estão assim distribuídas:

77,1% são estudantes, 14,2% são professoras, 5,7% catequistas e 2,8% domésticas.

Houve portanto, uma melhoria de status. Os elementos eram inativos e agora, na sua maioria são estudantes. Será que isto poderia alterar o índice motivacional dos indivíduos? Isto é, os indivíduos consciente ou inconscientemente teriam visto a vida religiosa como um meio de melhorar o próprio status?

O grupo das enfermeiras se distribuiu da seguinte maneira quanto ao nível sócio-econômico : 42,7% pertence ao nível sócio-econômico inferior - ou baixo; 42,7% ao nível médio e 14,2% ao nível alto. Estes mesmos indivíduos junto com o estudo de enfermagem praticam atividade profissional que se distribui assim: 25,7% são auxiliares de enfermagem, logo dentro do próprio setor; 5,7% são datilógrafas e 2,8% magistério primário. As outras, - que constituem o 65,7% se dedicam ao estudo da enfermagem.

O questionário portanto, apontou no nível sócio-econômico onde recaia a maior frequência. Soube-se que boa parte das religiosas (51,4%) e enfermeiras (42,7%) pertenciam ao nível sócio-econômico baixo. Porém, quanto ao fato deste dado influenciar ou não o índice motivacional das mesmas foi uma interrogação que só a análise estatística poderia responder, como se verá adiante.

- 4) Apesar de se ter conhecimento da dificuldade de detectar os fatores que podem influenciar a escolha profissional de um indivíduo, procurou-se pesquisar a respeito dos elementos que poderiam condicionar a opção vocacional. Entre tais condicionamentos pareceu importante ver se no ambiente humano destes indivíduos, existiam outras pessoas - que antes deles já haviam feito a mesma opção.

Sem uma análise mais profunda soube-se somente que, entre as enfermeiras 48% e dentre as religiosas 71.4% têm parentes que antes delas fizeram a mesma opção.

No grupo das religiosas procurou-se pesquisar um pouco mais este item colocando-o em relação com outros dados fornecidos pelo questionário. Sendo a vida religiosa uma escolha muito empenhativa, desejava-se indagar o como e o por que da pessoa ter ingressado no instituto ou congregação a qual pertencia.

As respostas foram bem variadas com um cunho um tanto particular o que torna difícil uma catalogação das mesmas. Contudo, entre os vários motivos que poderia ter levado a jovem religiosa à sua opção, 40% das respostas giraram em torno do item que parecia indicar uma motivação bastante positiva. Ou seja: o desejo de uma doação radical ao Cristo e à sua mensagem. Quanto ao "por que" da escolha do instituto, as respostas giraram em torno das 12 possibilidades sem se aglomerarem de modo significativo em uma das possibilidades. Tais dados foram utilizados como auxílio na análise clínica do TAT.

- 5) Na sondagem do nível de satisfação e realização profissional, obteve-se o seguinte:

Com relação à 1ª questão, a do aconselhamento, os dados obtidos foram os seguintes: no grupo das religiosas 42,8% se colocaram no 1º grau da escala manifestando-se perfeitamente de acordo, 48,5% fazia alguma alguma reserva aprovando em parte; 5,7% se manifestou indecisa e 2,8% não desaprovava completamente. No grupo das estudantes de enfermagem os dados se concentraram mais em torno do 1º grau da escala onde se obteve o 85,7% das respostas (está absolutamente de acordo), seguiu-

se 11,4% (aprova em parte) e 2,8% (manifestou indecisão) .

Será que as estudantes de enfermagem estão mais contentes com a própria opção do que as religiosas ? Ou não será esta diferença devido ao fato de que é muito mais fácil e menos comprometedor a uma pessoa dar o seu parecer quando se trata de uma profissão sem maiores implicações, isto é, ser enfermeira não é um compromisso que envolve a vida toda, seus valores e possibilidades, como o é a vida religiosa, que mais do que uma profissão é todo um compromisso de vida ? Seja como for, tais dados ganharão nova luz quando conciliados com a análise motivacional dos mesmos indivíduos.

Quanto à segunda questão, elaborada de modo a permitir uma resposta aberta, não é possível uma quantificação exata como a anterior. De um modo geral, em ambos os grupos, a tônica foi de muito otimismo, e com um nível de aspirações bastante elevado com relação ao futuro. Somente um caso foi registrado em cada grupo, onde os indivíduos se imaginaram em situações que nada tem a ver com o que atualmente fazem. No grupo das religiosas, uma jovem disse claramente que esperava estar em um estilo de vida totalmente diferente daquele da vida religiosa. E uma estudante de enfermagem também se colocou em uma perspectiva bastante distante daquela a que o seu curso a levaria. Isto é, disse que pretendia ter terminado um curso de inglês e estar estudando música.

Como já foi referido anteriormente, apesar do otimismo e das respostas aparentemente bem de acordo com a escolha feita, a validade das mesmas só poderia ser testada através de um follow-up, o que não será possível neste estudo.

Resultados de 3.2.2

No cômputo estatístico domonstrou-se que é rejeitável a H_0 concernente à primeira hipótese deste estudo. Nela indagou-se a respeito da diferença quantitativa dos índices motivacionais de um grupo de jovens religiosas como um todo, em confronto com um grupo de jovens não religiosas, contudo voltadas também para interesses altruístas. Este resultado não representou propriamente uma surpresa, pois era de se esperar que as jovens que procuram a vida religiosa, ao menos inicialmente, apresentem uma motivação, como afirmado anteriormente, bastante diferenciada. No caso deste estudo, esta diferenciação deveria apresentar-se em termos de índices motivacionais positivos (a frequência e a positividade dos mesmos). Diz-se "ao menos inicialmente", porque com o correr dos anos começam a surgir as crises e aí parece que as jovens vão aos poucos apresentando variações no próprio índice motivacional. Pelo menos, à primeira vista isto é o que se constata. Esta constatação apriorística, porém, não parece corresponder muito à realidade, pois na hipótese H_1 procurou-se validar estatisticamente tal suposição. Indagou-se se dentro do grupo das religiosas havia diferença no índice motivacional daquelas que já se encontram no convento há mais de 5 anos, e aquelas que apresentavam menos de 5 anos de permanência. A testagem da hipótese revelou que as diferenças podem ser consideradas como devidas ao acaso.

Talvez aqui se pudesse questionar a respeito do tempo escolhido para se considerar tal hipótese. Parece que o limite de idade não ofereceu amplitude de tempo suficiente (apenas 5 anos) para serem estabelecidos outros pontos de corte mais dilatados. Porém, o fato de se ter limitado a amostra às jovens que estivessem em período de formação não permitiu maior amplitude. De um modo geral, o tempo que estas moças poderiam ter passado na vida religiosa

iria variar de um mínimo de 1 ano a um máximo, raramente, (só 2 casos entre os 35 sujeitos) de 10 anos.

A hipótese Ia é bastante ligada a esta anterior, porém, com peculiaridades próprias. Lá se pesquisou a respeito da variável tempo de permanência na vida religiosa. Aqui procurou-se saber se o fator idade poderia influenciar de um modo significativo o índice motivacional, quer das jovens religiosas, como das estudantes de enfermagem.

Aprioristicamente, convencionou-se que, de um modo geral, entre as pessoas que iniciam a própria formação em uma determinada carreira profissional, os elementos mais jovens são mais entusiasmados do que os menos jovens. Assim sendo, aqueles apresentariam uma incidência maior de índices motivacionais na direção positiva. Os dados, todavia, contrariam aquelas suposições. A testagem da hipótese demonstrou não serem significantes as diferenças intra e inter grupos. Na presente amostra, o fator idade não foi um fator condicionante.

Poder-se-ia levantar também diante deste resultado uma dúvida. Talvez a variável não tenha abrangido o tempo suficiente para se evidenciar a diferença esperada. Se o confronto tivesse sido estabelecido entre aquelas que estão se formando e as já estabilizadas profissionalmente, talvez então a diferença tivesse surgido. Todavia, tal perspectiva estava além dos objetivos do presente trabalho.

Uma outra tentativa de descobrir aquilo que podia influenciar o índice motivacional dos indivíduos da presente amostra foi feita através da hipótese que buscou verificar a possível influência do nível socio-econômico.

O consenso popular afirma que algumas jovens buscam a vida religiosa procurando ascender no status social. A vida religiosa com suas instituições, seus conventos na maioria das vezes espalhados pelos vários países, com possibilidades de estudos, viagens, seria uma motivação maior para aquelas que por sua própria condição socio-econômica se vissem impossibilitadas de maiores realizações. Para

estas, de um certo modo, a vida religiosa atrairia em quanto promoção pessoal. Era de se esperar, portanto, que os sujeitos com nível socio-econômico médio e alto tivessem um índice motivacional mais elevado em termos quantitativos. A vida consagrada a Deus seria fruto de uma opção mais profunda e consciente, mais numa linha sobrenatural e não tanto numa linha de promoção pessoal. Entretanto, processando-se o tratamento estatístico dos dados obtidos, verificou-se não haver diferença significativa entre os mesmos. Isto foi real também no que diz respeito ao grupo das estudantes de enfermagem, onde supôs-se que o fator econômico fosse realmente elemento condicionante. Talvez uma análise apenas quantitativa do índice motivacional não consiga esgotar as possibilidades de informação.

Na hipótese II se quiz testar em ambos os grupos, jovens religiosas e estudantes de enfermagem, a predominância do nível de motivação, se era positiva ou negativa. As escolhas profissionais dos elementos destes dois grupos parecem indicar grande abertura para os valores humanos e também espirituais. Estas opções exigem muito dos indivíduos que as fazem. Outros setores do mundo profissional não teriam um nível de exigência pessoal tão grande como a vida religiosa e a enfermagem. Um grau elevado de abnegação, de esquecimento de si próprio, disponibilidade e outras qualidades tornam-se quase que intrínsecas a uma escolha consciente em ambos os casos citados. E no primeiro, na vida religiosa, de uma forma explícita faz-se mister ainda grande amor a Deus e aos valores espirituais. Isto muitas vezes estará presente também numa escolha para a enfermagem, porém não necessariamente de um modo explícito. Sendo assim escolhas tão empenhativas, era de se esperar de quem as fez um índice de motivação bastante positivo. De fato, os resultados estatísticos salientaram que é altamente significativa o nível de motivação nos dois grupos. Resultado este bastante esperado e que não chegou a constituir nenhuma surpresa.

CAPÍTULO 4

Análise Qualitativa

A novidade do método proposto por M. Arnold está justamente na sua interpretação quantitativa. Contudo, merece também destaque a sua análise qualitativa.

Após comentar a respeito das dificuldades que o TAT apresenta quando interpretado de acordo com a teoria psicanalítica, isto é baseando-se quase que exclusivamente nos mecanismos de projeção e identificação, a autora propõe o seu método: o Story Sequence Analysis. Diz ela que o narrador, na conclusão da sua estória demonstra sua atitude em relação ao tema proposto, e a partir daí é fácil fazer inferências. "Apparently the storyteller indicates in the outcome of the story whether he approves of the hero's actions or criticizes them in some way. Indeed even in the way he tells a story he may betray his favorable or unfavorable attitude to what goes on. If that is so, it should be possible to pinpoint his attitude to the story theme and so arrive at his principles of action!" (71) E chegar aos princípios da ação é algo sumamente importante, já que o S.S.A. se propõe ser um novo método para medir a motivação e prever a realização, isto é, se o sujeito terá êxito ou fracasso.

O S.S.A. que foi usado originariamente para finalidades clínicas, é um método de interpretação do TAT que possibilita também previsão além de oferecer dados da personalidade do sujeito. Tal método não assume e nem depende da identificação e projeção e nem prediz o comportamento do narrador a partir das emoções ou ações do herói da estória. "Rather" afirma a autora, "the import of each story, the point the storyteller is making, is compressed into a short statement which reveals what he thinks of the hero's actions or the actions of other characters, whether he endorses or censures them. In this way we discover the storyteller's convictions, his attitudes to life as he knows it, his realistic motives. Such an interpretation will show whether a person

(71) Arnold, M., et al. "Screening candidates for the priesthood and religious life", op. cit. pag. 9.

approaches his problems in a constructive, positive manner, whether he tends to evade them, gloss them over, or solve them in an effective or ineffective way" (72)

Com este método é possível prever a realização profissional de um indivíduo, seja qual for a sua escolha. Tal previsão está estritamente ligada à qualidade da motivação.

Para exemplificar melhor o que se está afirmando, uma avaliação concreta se faz mister. Entre os vários exemplos apresentados pela autora pode-se fazer algumas escolhas.

As 5 estórias que serão apresentadas foram escritas por um jovem estudante universitário, dotado de boa inteligência mas cujo rendimento é deficiente.

Prancha I - "Este menino tem, naturalmente algum interesse em trabalhar com suas mãos. Ele está olhando para o violino com olhos de artesão. Ele admira a beleza do acabamento, a maneira delicada com que ele foi talhado e pensa na possibilidade de fazer algo semelhante. Isto não significa que ele vai ser um artista, mas que ele provavelmente sempre apreciará a beleza".

"Import": - Quando o homem vê alguma coisa bela ele começa a sonhar com a realização de algo semelhante. Ele pode não ser capaz de o fazer mas sempre ele irá apreciar a beleza.

Prancha II - "A moça que está com os livros pode ser uma assistente social que está visitando as fazendas e fazendo um levantamento das condi-

(72) Arnold, M., et al. "Screening candidates for the priesthood and religious life", op. cit. pag. 9 e 10.

condições de vida. Na gravura ela acaba de entrevistar o casal. O marido está voltando para o arado. Na entrevista a assistente social deve ter descoberto que este casal está em boas condições financeiras. Isto é facilmente observado pelas ótimas condições físicas do fazendeiro, do cavalo e o aspecto da fazenda."

"Import": - É facilmente visto que as pessoas que têm posses são bem sucedidas.

Prancha IV - "O homem está bêbado. Sua esposa está tentando acalmá-lo. Naturalmente ele deve estar bêbado porque sua esposa brigou com ele devido ao fato dele não trabalhar, não pagar as dívidas, e coisas semelhantes. Dentro de algumas horas sua embriaguez passará e ele então irá sentir-se muito deprimido. Mas se os problemas surgirem de novo esta situação se repetirá.

"Import": - As pessoas que não têm dinheiro enfrentam muitos problemas e são obrigadas a buscar uma válvula de escape.

Prancha VI - "O jovem tomou sua primeira decisão de entrar para o exército. Sua mãe está desesperada porque ele vai deixar os estudos e enfrentar o mundo cruel onde existem dificuldades e perigos. Mas quando chegou a hora da partida ela se sentiu muito orgulhosa porque ela sabe que ele está fazendo uma coisa nobre embora não seja a melhor. O

O seu filho se tornara um homem".

"Import": - Chega um momento em que a pessoa precisa tomar uma decisão. Talvez não seja a melhor decisão, mas no ato de decidir ele se torna um homem do qual alguém se orgulhará.

Prancha VII- "Um rapaz de 20 anos está pedindo conselho ao seu pai pela 1ª vez depois que entrou para o científico. O pai está fazendo um grande esforço para dar um conselho sábio e assim o filho voltará a pedir conselhos de novo. Ele provavelmente irá satisfazer as necessidades de seu filho e eles se tornarão grandes amigos."

"Import": - Quando um filho pede um conselho ao pai, este deve ter todo o cuidado para dar a resposta certa de modo a satisfazer a necessidade do filho e eles se tornarão grandes amigos.

Quando os imports são lidos em sequência torna-se claro que a visão que o narrador tem da vida não é construtiva, embora cada estória, tomada isoladamente, possa sugerir o contrário.

Vê-se através destes "imports" que se trata de um rapaz que põe a culpa de seus fracassos nas circunstâncias, nas coisas externas, e pensa que a maturidade é encontrada quando se toma uma decisão de um modo independente, mesmo que esta não seja uma boa decisão. O que importa é que a decisão seja pessoal. Ele vê também o papel dos mais velhos como aquele de dar apoio.

Neste pequeno exemplo vê-se claramente como funciona o S.S.A. em sua avaliação clínica. Os motivos que levam o indivíduo a agir, seus possíveis problemas, a visão que ele tem da vida, o modo de resolver os problemas, etc.

~~são claramente postos em evidência. Daí é fácil fazer pre-~~
visões e inferências.

Tal método foi criado pela autora tendo em vista principalmente o estudo psicológico dos candidatos ao sacerdotio e vida religiosa. Para familiarizar um pouco mais o leitor com o S.S.A., apresentar-se-á um outro TAT extraído do mesmo artigo citado anteriormente.

Este protocolo pertence a uma jovem postulante.

Prancha I - "Este menino está sentado diante do seu violino. É a hora dele praticar sua lição de música, mas ele está muito cansado e por isto ele se acomoda na cadeira e descansa. Logo ele adormece e o tempo passa. Alguns minutos antes dele ir para a aula sua mãe vem acordá-lo. Ainda com sono, ele boceja. Na realidade ele deu uma cochilada e o resultado foi uma repreensão por parte do professor porque ele não sabia a lição. Da próxima vez ele vai estudar antes e dormir depois".

"Import" - Quando você dorme ao invés de trabalhar você é repreendido. Você aprende a lição e numa próxima vez você primeiro trabalha e depois dorme".

Prancha II - "O pai da menina trabalha seriamente no campo enquanto sua esposa o acompanha. Eles vieram há pouco para a América. A menina foi mandada para o colégio para aprender inglês e depois ensinar todos os membros da família. Com os livros nas mãos ela se encaminha para o colégio. Ela é estranha para

tôdas as pessoas, mas mesmo assim ela enfrenta sua tarefa. No futuro ela será considerada pela sua família como heroína por tê-los ajudado a viver na América.

"Import": - Se você enfrenta com coragem um ambiente estranho você será bem sucedida e considerada heroína por ajudar os outros a serem bem sucedidos."

Prancha III BM -"Ele acordou antes da madrugada e se encontrou sentado perto de um banco de madeira. Olhando em torno ele percebeu que estava na cadeia. Ele sentou-se e pensou por um momento. Ele não sabia como e porque ele tinha ido parar naquele lugar. Sibtamente ele se lembrou. Ele fôra apanhado pela policia enquanto tentava escapar do assalto na noite anterior. O seu julgamento ia ser no dia seguinte. Ele sabia os resultados - seria julgado e condenado."

"Import": - De repente você acorda para o fato de que foi apanhado e terá que passar o resto de sua vida na prisão."

Aqui tem-se uma jovem que se sente obrigada a lutar contra o seu desejo de dormir quando ela deveria estar trabalhando. Que deseja ser bem sucedida na vida que escolheu mas que acha que submeter-se ao estudo é um exemplo de heroísmo. Na 3a. estória ela começa a entender que foi capturada e enfrenta a vida na prisão. Depois de 3 estórias nas quais ela afirma que precisa ser obediente, ela entende que sua vida está nas mãos de Deus, e aí ela retoma o tema da prisão.

Prancha VIII-"Este jovem foi convocado para a guerra. Ele está pensando a respeito do tempo em que estará no campo de batalha e pinta em sua mente alguns dos incidentes que ocorreram muitos anos atrás. Quando alguém era baleado a bala era extraída imediatamente com um canivete. Ele fica assustado mas depois se tranquiliza dizendo para si mesmo que os tempos mudaram. Agora ele está pronto para ir e enfrentar o perigo corajosamente, apesar de tudo."

Prancha XI - "Quando você se assenta e começa a sonhar de olhos abertos você costuma pintar para você mesma muitas áreas de madeira. Você vê áreas com árvores tão altas que dificilmente você vê o cimo das mesmas. Você imagina imensas rochas."

Prancha XII- "Um padre foi chamado à casa de uma menina doente. Ele se ajoelha ao lado da cama dela e lhe administra o sacramento. Tranquilamente ela dá um longo suspiro e morre."

Prancha XIV- "É alta noite. Um jovem astrônomo senta-se na balaustrada da janela e olha fixamente para o céu enquanto estuda as estrelas. Ele deve terminar uma experiência esta noite. Oh se a lua aparecesse! Mas não, a lua está em algum lugar que não pode ser vista. Relutantemente ele já está para desistir quan

quando súbitamente ele encontra justamente o que precisa. A lua e as estrelas parecem colaborar com ele e o seu estudo é bem sucedido."

Prancha XVI- "A professora está passando slides para um grupo de crianças. Diante de cada um ela faz uma explanação. Mas chega um momento em que ela está muito excitada e se confunde ao colocar o slide no projetor não podendo dar nenhuma explicação a respeito da gravura. Ela somente se desculpa por ter colocado um slide em branco e continua como antes."

Prancha XX - "A noite caiu e não existe nem sombra de Skippy, o cachorrinho de estimação de um dado garoto. O pai dele procura pelos bosques escuros durante horas, mas nada de encontrar o cachorro. Finalmente ele escuta Skippy latindo. Ele está prêso em um buraco. Cuidadosamente ele é libertado e trazido sãoe salvo para casa."

"Imports":

- 8- Quando você fica assustado diante das dificuldades e trabalhos da vida você logo compreende que os tempos mudaram e que você está pronto para enfrentar as dificuldades corajosamente.
- 11- Embora elas possam parecer imensas montanhas quando você para e pensa;
- 12- Mas a recompensa vai chegar no final da vida através dos sacramentos.

- 14- No seu trabalho você pode ter que esperar pelo sucesso, mas o auxílio virá no momento preciso e com ele o sucesso.
- 16- Mas se você esqueceu a coisa mais importante, aquilo que dará sentido à sua tarefa, você deve corrigir o erro que você cometeu no escuro.
- 20- Quando alguém está perdido no escuro, alguém sempre surge para ajudá-lo a voltar para casa.

Estas estórias revelam as dúvidas e temores que atormentam esta jovem religiosa na sua vida de convento. Ela tenta consolar a si mesma afirmando que o auxílio virá e que no final tudo dará certo, quer agora ou no final da vida. Mas se ela tiver cometido um erro, se tiver esquecido a coisa mais importante, aquilo que dará sentido ao seu trabalho, ela deve corrigir o erro que ela cometeu na ignorância e escuridão; embora ela se sinta perdida alguém surgirá para ajudá-la a encontrar o caminho de casa. A implicação é bastante clara: ela acha que cometeu um erro entrando para o convento (que é uma prisão para ela) e deseja voltar para casa.

O follow up deste caso confirmou que de fato esta jovem deixou o noviciado após algumas semanas. (73)

Seguindo este modelo de M. Arnold procedeu-se a uma análise qualitativa dos TAT aplicados. Como já foi dito anteriormente, o interesse maior foi com relação à análise quantitativa, conquanto esta permitiria uma avaliação mais precisa e possível de comparações. Não obstante, é possível delinear as características principais dos 2 grupos encontradas através da análise qualitativa.

Antes de se focalizar os dados mais frequentes que a análise clínica evidenciou nos protocolos da amostra deste trabalho, apresentar-se-á na íntegra um dos casos estudados.

(73) Cfr. Arnold, M., et al. "Screening candidates for the priesthood and religious life", op. cit. pag. 24-29.

Este protocolo pertence a uma religiosa de 30 anos.

Prancha 1 - "Mário finalmente tinha atingido seu ideal: tocar violino! Quantas vezes se detivera sonhador e sensibilizado ao extremo pelos sons tirados, pelo tio violinista, daquele pedaço de madeira luzido pelo verniz, ao toque mágico do arco.

Agora, 5a. semana de suas lições, Mário viu que não tinha magia em seus dedos, que o arco não soava nas cordas como o do tio, que seus arranhões sonoros lhe eram desagradáveis. Para um momento perante presente de aniversário que tanto o fizera vibrar, com uma interrogação no olhar meditativo: "Será que valerá a pena fazer tanta força para aprender a tocar bem suas peças prediletas?"

"Import" - Quando se alcança algo muito desejado, às vezes se descobre que a coisa não tem todo aquele valor que lhe atribuíamos" - 2, I, A, 2

Prancha 2 - "Lúcia estuda na escola onde experimenta, agora, realizar seu sonho de moça pobre, mas cheia de ideal. "Nenhuma alegria é completa" pensa ela. Vou para a escola mas para isto minha pobre mãe que dormira tão mal esta noite, vai querer me substituir no campo, ela que não tem estado nada boa ... Foi assim tantas vezes, mas Lúcia venceu e pode levantar o nível de

seus pais."

"Import" - "Apesar dos sacrifícios uma pessoa pode vencer e elevar o nível econômico de sua família" + 2, I, B, 1

Prancha 4 - "Ele pintara o retrato dela como presente para o dia das núpcias, Mas agora que ele foi assaltado, que o deixaram semi-morto, sem as suas últimas economias pensou que o único caminho que lhe restava era vender seus quadros. A noiva angustiada lhe suplica: "Poupe ao menos o retrato, por favor!" Era a prova de amor que ele precisava, nas dúvidas da existência de um "terceiro", Era o estímulo para prosseguir, estímulo que o impulsionara na longa trajetória de suas conquistas na arte."

"Import" - "A certeza no amor é o elemento mais importante na vida de um homem levando-o a vencer também pro fissionalmente." +1, I, D, 1

Prancha 7MF- "Nina fora uma criança feliz e des preocupada. Crescia bela e rica de dons interiores, em meio às poucas traquinices de uma criança vi va e extremamente espontânea. Os seus 13 anos, há pouco comemorados com o presente de uma boneca sem grande valor, ela que as ti vera lindas, ricas e vistosas, fo ram marco de uma nova estrada em sua vida. O dinheiro encurtou des de que papai deixara seu lar. Em vez de novos vestidos, uma barra

postica no vestido usado que se tornara curto. Mas havia uma mãe amiga, forte, dedicada que a ajudou a não se abater. As duas venceram juntas e, no dia de seus 15 anos, a linda cesta de flores chegada não sei de onde anunciou a volta do papai."

"Import" - "Os infortúnios da vida podem ser superados quando a pessoa tem a seu lado alguém que lhe ajuda" - 1, IV, A, 4

Prancha 8 MF- "Ela tinha certeza de ser jovem, bela, atraente. Era pobre, entretanto. Mas hoje cedo, como foi para ela um verdadeiro "presente do céu" aquele sorriso de Eduardo, o filho do patrão de seus pais. Ele, tão maduro, tão viajado, lá distante em sua diferente classe social, a enxergara, percebera sua platônica admiração e ... queria falar com ela hoje à noite aqui em casa.

"Import" - "Apesar da distância social a beleza física pode fazer com que um jovem rico se interesse por uma moça pobre"

Prancha 9 MF- "Ela não encontra saída. Está rodeada de obstáculos e não vê ninguém que possa ajudá-la no estado em que ela se encontra. Não vendo quem possa ajudá-la eleva seu pensamento a Deus pedindo a Ele ajuda para que possa tirá-la desse abismo."

"Import" - "Em certas situações difíceis o único auxílio com o qual se pode contar é Deus" - 1, I, D, 4, 2

Prancha 13 HF - "Eles se amaram tanto em sua vida "a dois" começada há quatro anos. Depois ... o bilhete lacônico de despedida, a vida solitária e ... uma dor indizível de quem jamais esperou perder tão cedo seu tesouro. Sua tia lhe dera aquele endereço. Antes ela não tivesse vindo. Ele teve tempo apenas de pular pela janela depois de deixá-la ali no silêncio da morte."

"Import" - "Às vezes a resposta a um grande amor é o assassinato". -2, III, E, 2

Prancha 14 - "Tantas tentativas para deixar o terrível vício e as derrotas da fraqueza, da covardia, foram uma constante nesse último período de sua vida.

Um amigo "verdadeiramente amigo" aconteceu. Ajudou sua indigência moral e uma janela se abriu para a luz em sua vida. Seus dotes intelectuais, tão decantados por colegas e mestres, iam finalmente render em sua carreira de engenheiro. O arrojado plano, interrompido já há tantos meses, seria concluído para a badaladíssima execução."

"Import" - "Com a ajuda de um amigo pode o indivíduo sair de uma condição de vício para grandes realizações" - 1, I, D, 1

Prancha 15 - "Ninguém compreenderia sua dor. O mal que atingira há dois anos a esposa querida, levara também a filhinha idolatrada, em quem concentrara toda a capacidade de amar.

Era duro demais voltar à solidão que fora amenizada por aquele anjo boneca, tão maravilhoso. Como recomeçar tudo de novo? Como acreditar que "a vida continua?"...

"Import" - Diante da perda dos entes amados é muito difícil continuar vivendo. (Aqueles que amamos são fonte de vida e morte)" - 2, IV, A, 4

Prancha 16 - "Uma página branca me dá logo vontade de escrever uma carta a algum amigo. É bom demais comunicarmos com quem nos entende e, mais ainda, receber algo desse amigo."

"Import" - "A comunicação entre aqueles que se amam é uma das melhores coisas da vida" +1, III, F, 3

Prancha 18 - "Os exames médicos disseram que ela tem pouco tempo de vida. Distúrbios do coração. E a pobre mãe está sempre com olhar ansioso depositado no semblante abatido da filha que, teimosamente, não consegue repousar, absorvida pelos cuidados com os filhinhos. São três crianças lindas que precisam tanto dela. No dia em que essa filha desmaiou ao pé da escada, que mundo de preocupações angustiantes passavam pelo coração da pobre mãe que a amparava nos braços. Ela já começara a fazer suas economias para poder pagar a caríssima cirurgia com o médico famoso. Mas, ainda há tanta gente boa nesse mundo. A velha amiga dos tempos de escola, condeu-se com as suas preocupações e abriu generosamente

a bolsa em favor da simpática e jovem mãe, a filha da pobre senhora sua amiga. E o milagre da caridade provocou o milagre da ciência. Hoje ... tudo está bem! A felicidade voltou a reinar."

"Import" - "Uma amizade real pode fazer ressuscitar até fisicamente o amigo" -
2. I, D, 4

Esta jovem religiosa demonstra estar vivendo um conflito. Nota-se através dos "imports" o sentimento de desilusão. Isto é muito patente principalmente na primeira prancha. (Decepção ante o ideal abraçado?). Evidencia-se também grande valorização do relacionamento humano, da ajuda mútua, da convivência. Parece que ela se sente privada destes valores. O sucesso, as realizações apesar da iniciativa pessoal depende muito da ajuda dos outros, e em alguns casos só Deus poderá prestar auxílio. (Não estará ela afirmando que no seu caso de conflito somente Deus poderá ajudá-la?) Na prancha 9 esta colaboração é muito evidente: "Ela não encontra saída. Está rodeada de obstáculos ... eleva seu pensamento a Deus para tirá-la desse abismo".

Estes dados são confirmados pelo questionário onde a religiosa que se encontra no convento há 9 anos, manifesta claramente não saber se projetar em termos de futuro. Não apresenta planos, nem projetos como o faz a maioria de suas colegas, e também quando se trata da situação imaginária de aconselhar uma jovem que queira optar pela vida religiosa, ela assinalou o item: "desaprova veementemente".

O índice motivacional negativo, 95, aliado a esta análise clínica, leva a supor que este indivíduo encontra-se no momento, pouco motivado para a vida religiosa.

No grupo das religiosas, da presente amostra evidenciou-se:

1º - Foi uma constante, como se esperava, o conteúdo religioso. Apesar de constante, as formas sob as quais ele apareceu nas várias histórias foram bastante diversificadas. Deus ora é visto como o Ser que tudo resolve, que possui um toque mágico para todos os problemas, e esta concepção logicamente produzirá passividade, livrará a pessoa de sua responsabilidade diante da história. As coisas acontecem e o indivíduo deve confiar em Deus que "tudo será solucionado a seu tempo". O êxito ou o fracasso dependem deste auxílio que só é obtido a través da oração. É um sistema quase mecânico. Faz-se algo, pede-se e a resposta é dada.

Já em outro enfoque o conteúdo religioso aparece denotando maturidade e visão realista do mundo. Deus está presente mas não substitui a ação do homem. Relação pessoal com Deus que é visto como ser transcendente que se faz presente sem contudo ser um agente que resolve tudo em passe de mágica. Conteúdo religioso este que denota maturidade e relação real, não fantasiada, com o Absoluto, Deus.

2º - Outra característica bastante presente nos protocolos foi uma posição irrealista diante da vida. Os problemas se resolvem com uma certa facilidade desde que o item anterior seja colocado. Daí uma certa desvalorização da iniciativa pessoal quemesmo quando presente é mais ponderada em termos de planejamento e não tanto de ação. O sucesso, apesar de tudo, é sempre obtido, desde que se confie em Deus. Daí decorre uma dose de ilusão quanto às reais possibilidades da religiosa que é apresentada como sendo capaz. através dos valores religiosos de resolver todos os problemas do mundo. Isto conduz também a uma supervalorização da capacidade de atuar da mesma.

- 3º - Evidencia-se também um enfoque acentuado da reflexão com prejuízo da ação. É um refletir que não é ação, já que não é um refletir sobre si, uma busca interna de ser e ser no mundo. É uma reflexão que é uma relação com um ser fora de si, com um medidor que desfocaliza a direta relação reflexiva com o mundo que a cerca e consigo mesma.
- 4º - Notou-se também em vários protocolos, em proporção bem menor de que os itens anteriores, grande preocupação com a própria escolha, dando a impressão de vivenciar um conflito interno em termos de opção. A um nível racional vê validade no que faz e naquilo que escolheu. A nível vivencial porém, parece duvidar e indagar a razão da escolha feita.
- 5º - A agressividade é reprimida e em nenhum protocolo ela apareceu. Sempre se propõe a paciência, o amor e o pensamento de Deus, numa tentativa de sublimação dos impulsos agressivos. Também o amor entre o homem e a mulher recebe um enfoque um tanto irreal. O homem é quem erra e a mulher é a vítima que deve perdoar e de cuja virtude reflorece a relação conjugal gasta. Em alguns protocolos tal amor é substituído pelo amor fraterno.
- 6º - Outras características que apareceram nos protocolos foram: preferência por valores imateriais, medo da solidão, concepção de que o sucesso não depende tanto da ação do indivíduo quanto de sua fé e submissão à vontade de Deus, dificuldade no relacionamento mãe-filha o que leva às vezes à concepção da autoridade como algo ou alguém que só impõe sacrifícios.

Paralelamente poder-se-ia elencar as características mais constantes nos protocolos das estudantes de enfermagem. Antes de tudo, salientou-se maior diversidade dos protocolos, o que contribuiu para realçar a relativa homogeneidade observada no grupo das religiosas. Talvez a formação mui-

muito estandardizada, a vida dentro dos mesmos padrões impedindo maior variedade de vivências, sejam responsáveis pela citada uniformidade.

Neste segundo grupo foi verificado:

- 1º - Bastante constante nos protocolos uma reação contra a figura dos pais que são arresentados como o pressores, como aqueles que se julgam com direito de impor seus valores e escolhas aos próprios filhos. Mas estes conseguem a emancipação independentemente da pressão que os atinge. Esta liberação é apresentada como condição necessária para o êxito nos próprios empreendimentos profissionais.
- 2º - A agressividade é muito exteriorizada e em alguns protocolos constitui o elemento mais constante as sumindo formas de violência.
- 3º - O casamento é outra temática que na sua constante procurava realçar aspectos bem realísticos. Ele foi focalizado geralmente em suas dificuldades e possibilidades de fracasso. Para este último tanto podem concorrer as infidelidades do homem como da mulher. Este enfoque é bem diferente daquele do grupo anterior onde a figura da mulher foi muito idealizada atingindo requintes um tanto quanto ro manticos. Lá ela é vista como sofredora silenciosa, paciente, e suas virtudes seriam capazes de reestruturar relações que o egoísmo do homem desgastara.
- 4º - Um contexto de muito dinamismo evidenciou-se também em grande parte dos protocolos devidos à ac en tuação da necessidade do esforço pessoal na con se cução dos próprios objetivos. Mais do que a sorte ou outros elementos externos, como a esperança de ajuda por parte dos outros, o indivíduo deve contar com o próprio esforço e empenho que serão os responsáveis pelo fracasso ou êxito obtido.

5º - Outro tema que embora não tenha sido tão frequente como os demais, sendo porém evidenciado em muitos protocolos, foi a maternidade. Ela é às vezes exaltada, outras vezes focalizada como sendo o resultado de um erro, contudo sempre como algo belo e grandioso para a mulher. Denotou atitude bastante positiva diante da mesma.

6º - A temática religiosa tão frequente no primeiro grupo aqui apareceu muito esporadicamente, embora todos os sujeitos do grupo tenham manifestado sua afiliação religiosa ao cristianismo como se constata dos questionários.

A diferença que se esperava entre os protocolos não foi muito evidente na análise quantitativa. Contudo, nesta análise qualitativa tal diferença tornou-se muito evidente. Os perfis dos 2 grupos, não obstante as diferenças existentes nos mesmos, se delinearão com suas características peculiares. É possível ver agora dois grupos bastante distintos.

Além das características elencadas, que num certo sentido são as facetas individualizantes dos dois grupos, encontrou-se também um elemento bastante comum em ambos. Este ponto em comum é dado pelo alto interesse humanitário evidenciado na grande maioria dos protocolos.

Uma última observação a respeito da análise qualitativa é que a mesma permitiu evidenciar problemas e conflitos mesmos naqueles protocolos que apresentavam um índice motivacional positivo. Isto confirma o fato de que só a análise quantitativa não seria suficiente em termos de levantamento ou sondagem. É necessário que se faça ambas as avaliações. Contudo, para que esta interpretação seja inteiramente válida, permitindo uma previsão negativa ou positiva (fracasso ou êxito) na escolha feita, seria necessário um follow up, o que no presente estudo não será possível.

CAPÍTULO 5

Conclusão

As conclusões do presente trabalho podem ter um duplo enfoque: primeiramente considerações de ordem teórica e, num segundo momento, considerações práticas.

Do ponto de vista teórico, pode-se então afirmar que foram aceitos a conceituação de motivação e o método de M. Arnold; mas algumas observações parecem ser necessárias. Não se concorda por exemplo com a afirmação da autora quando diz que o SSA não supõe a projeção e a identificação. Inclusive para sustentar esta sua afirmação, ela diz que parece ingênuo querer dizer que, analogamente, grandes nomes da literatura, como Balzac, Dickens, Jane Austen, Dostoyewsky, etc. contaram histórias sobre eles mesmos em suas obras (74). É lógico que a obra destes autores não constitui um retrato deles mesmos; mas também não se pode negar que muito da experiência de Dickens, principalmente de sua infância, muito da repressão sofrida por Jane Austen, George Elliot, etc. estejam presentes nas obras destes escritores. Isto significa ou não uma projeção de si mesmo? Parece que a autora não apresentou argumentos suficientes para demonstrar seu ponto de vista. Acredita-se que também na análise do SSA esteja-se trabalhando ao nível de projeções, e não se conseguiu ver como possa ser diferente.

Do ponto de vista prático, chega-se ao término do trabalho e aí consegue-se ver claramente os limites

(74) Cfr. Arnold, M., A screening test for candidates for religious orders, op.cit., pág. 5

e as novas possibilidades de enfoque do mesmo.

Procurou-se salientar as diferenças que devem existir na motivação dos indivíduos que procuram a vida religiosa em confronto com aqueles que se dedicam à enfermagem. Ambos apresentam interesses voltados para o serviço do próximo, porém, é patente que a pessoa que escolhe a vida religiosa está assumindo um compromisso que abrange toda a sua existência. Não é somente uma profissão, por mais empenhativa que ela possa ser. É lógico que tal escolha, envolvendo todos os valores da vida de uma pessoa, deve ter "moventes" que farão diferenciar a motivação de tais indivíduos quando comparados com qualquer outro grupo profissional.

Quando se deteve na análise quantitativa do TAT, obteve-se grande segurança em termos de se estar lidando com dados objetivos e concretos. Porém, a diferença buscada não foi tão evidente. Soube-se somente que a motivação do grupo das religiosas como um todo diferia de modo significativo (estatisticamente), quando confrontado com o grupo das jovens enfermeiras. Mas em que consistia tal diferença? Esta pergunta só foi obtida quando se partiu para a análise qualitativa dos protocolos. Os grupos tomaram feições próprias e suas características foram se delineando aos poucos. O SSA se revelou, portanto, eficiente e capaz de responder às indagações que suscitaram o presente estudo. Contudo, embora extremamente válido e objetivo, eliminando - como se propusera M. Arnold - as impressões subjetivas, o esquema das categorias do SSA talvez não seja capaz de cobrir todas as dimensões da motivação humana. Diante de certos "imports", sentia-se a dificuldade de classificá-los dentro de uma das quatro categorias propostas. Talvez um refinamento ou subdivisão das mesmas, ou até mesmo a criação de novas categorias mais abrangentes, viesse complementar o esquema operacional criado por ela. Assim sendo, sem diminuir ou ofuscar o grande valor de tal método, talvez no futuro o TAT possa ser - também para quem

não tenha toda a experiência da autora - um bom preditor de sucesso ou fracasso na vida religiosa, como aliás é o desejo de M. Arnold. Ele poderá então discriminar, com bastante segurança, dentro do grupo das religiosas, uma vocação religiosa autêntica daquela que seria apenas busca de solução frente aos próprios problemas, ou busca de projeção pessoal, ou fuga das dificuldades com as figuras familiares e, conseqüentemente, no relacionamento social.

Poder-se-ia também acompanhar os sujeitos estudados e ver se as predições correspondem à realidade. É claro que, neste caso, seria necessário um follow up bastante extenso. Talvez se devesse acompanhar as diferenças que iriam ocorrendo no índice motivacional, fazendo, por exemplo, um levantamento do mesmo na época da entrada para o convento, depois de um certo período, quando houvesse desistência da opção feita, e assim por diante.

Os dados obtidos ainda parecem nebulosos em vários aspectos. Sendo este um estudo pioneiro no Brasil, seria aconselhável prosseguir com ele acrescentando alguns dos vários aspectos que não foram ainda considerados. Por exemplo, será que haveria diferença entre o índice motivacional de religiosas que escolhem a vida contemplativa e aquelas que optaram pela vida ativa? E em que consistiria tal diferença?

Acredita-se realmente que deva existir uma gradual modificação no índice motivacional de uma religiosa depois de alguns anos de vivência dentro da instituição. Esta modificação poderia ser num sentido de maior aprofundamento da própria opção e, portanto, de um engajamento e satisfação maiores, o que redundaria em termos de realização pessoal. Ou então o contrário.

Contudo, os limites que este trabalho se impôs, e que no caso não poderia ser diferente, impediram qualquer conclusão válida em termos da relação que deve existir entre tempo e alterações no índice motivacional do indivi-

duo.

Seria interessante também um estudo em que se focalizassem as diferenças motivacionais de um grupo como este, aqui estudado, e outro de religiosas com 20 - 30 anos de vida religiosa. Idéias como esta e muitas outras a floram no momento em que se tem consciência de que não se está concluindo um trabalho, mas somente abrindo pistas para que outros venham completar o que apenas se iniciou.

Mas a esta altura das conclusões, poder-se-ia perguntar: dentro da linha dos estudos realizados anteriormente, o que está sendo acrescentado pelo presente traba-lho, em que está ele contribuindo? Parece que a contribuição está precisamente no fato de mobilizar a atenção para um problema que a psicologia religiosa deveria estudar mais.

Em qualquer profissão, o problema da motiva-ção é fundamental como garantia de êxito ou mesmo previsão de fracasso. Além desta previsão, parece interessante e útil que as várias ordens e institutos, neste momento de grandes mudanças, se detenham um momento para considerar as alterações que os índices motivacionais de seus membros sofram. Se o indivíduo adere com grande entusiasmo à causa da congregação ou instituto, por que depois de alguns anos este entusiasmo arrefece? Será isto devido a uma motiva-ção pouco autêntica? Faltaram-lhe condições propícias para enfrentar as dificuldades à medida que ia amadurecendo na escolha feita? Neste sentido, o presente trabalho pretende ser uma contribuição chamando a atenção para um estudo que vai além da seleção. Acredita-se que a seleção é básica, mas um acompanhamento, um aconselhamento através dos tempos seria igualmente importante. A obra da Graça, diz a teologia, supõe o humano, e para que este humano possa crescer, desenvolver-se, são-lhe necessárias condições favoráveis. Talvez um diálogo maior entre as várias insti-tuições religiosas e a psicologia seja fator quase que im

prescindível na época atual. E isto deveria ser feito não só em casos críticos, isto é, quando o indivíduo começa a perturbar, com sua estrutura neurotizada, a convivência dos demais membros. Parece que muitas vezes falta maior adequação da instituição à realidade histórica e isto desentende o desajuste dos membros.

O problema é bastante complexo, e não seria válido esboçar um diagnóstico do mesmo com tanta simplicidade de argumentos. Mas justamente nesta complexidade está a razão do afirmar-se que a psicologia tem muito para dar neste setor. E no pouco que foi possível apreender durante a elaboração deste trabalho, constatou-se que as instituições religiosas estão muito longe, de um modo geral, de uma conscientização real, sadia, desprovida de preconceitos, quanto à colaboração que lhes pode prestar a psicologia.

Um país como o Brasil, onde o número de membros nas várias ordens e institutos é bastante considerável, deveria ter ao menos um instituto de âmbito nacional, onde ao lado de outros enfoques da vida religiosa, houvesse uma preocupação maior com a parte psicológica. Pode ser que ele esteja em embrião, ou então já exista em caráter privado; então este trabalho pretende ser um incentivo para que tal instituto assuma feições próprias e em âmbito maior se estenda no mais curto prazo.

Oxalá, como em outros países onde a pesquisa neste setor é abundante, também no Brasil as atenções dos estudiosos se voltem um pouco mais para este setor tão pouco explorado.

Portanto, este estudo, além de ficar aberto para futuras comprovações e possíveis ampliações, deseja ser também um modesto incentivo para que a psicologia religiosa - neste setor específico - consiga um incremento maior neste terreno que lhe é tão propício, embora pouco explorado.

B I B L I O G R A F I A

1. Angelini, A.L. Motivação Humana, Liv. José Olympio, Rio de Janeiro, (1973)
2. Arnold, M. Emotion and Personality, Columbia Univ Press, N.York, (1960)
3. The Psychologist in the intellectual apostolate, selected papers from the ACPA, (1960)
4. The Human Person, The Ronald Press C. N.York, (1954)
5. Story Sequence Analysis, Columbia U. Press, N.York, (1962)
6. Atkinson, J.W. An Introduction to Motivation, D. V. Nostrand Company, N.York, (1964)
7. Augras, M. Opinião Pública, Ed. Vozes Ltda., Petropolis, (1974)
8. Benko, A. Um ensaio de exame psicológico dos seminaristas, Sepazata da Rev. de Psic. normal e patológica, n.3-4, ano II
9. Benko, A. Examen de la motivation, Supp. Vie Sp. n.29, (1954)
10. Benko, A. Aspectos psicológicos da vocação religiosa e sacerdotal, Sep. da Rev. de Psicologia Normal e Patológica, n.4, (1961)
11. Benko, A., Nuttin J. Examen de la personnalité chez les candidats a la pretise, Pub. Univ. Louvain, (1956)
12. Bellak, L. et al. Psicologia Proyectiva, Ed. Paidós, Buenos Aires, (1957)

13. Beirnaert, L. L'investigation psychanalytique des candidats, Supp. Vie Spir. 53, (196)
14. Bier, W.C. Examen des candidats a la pretise, Supp. Vie Spirt., n. 29, (1959)
15. Boiles, R.C. Teoria de la motivacion, Ed. Trillas Mexico, (1973)
16. Cofer, C.N. et al. Psicologia de la motivacion, teoria e investigacion, Ed. Trillas, Mexico, (1972)
17. Colwell, C.A. Motivations for choosing the Christian Ministry as a vocation, B.D. U. Theo. Seminary, (1952)
18. Crescenti, M.T. Religiosa e Profissão, Ceris, Rio de Janeiro, (1969)
19. Dewisne, P. Motivations de la vocation, Supp. Vie 60, (1962)
20. De Charms, R. Personal Causation, Academic Press, N. York, (1968)
21. Diel, P. Psychologie de la motivation, PUF, Paris, (1969)
22. Dittes, J.E. Vocation guidance of theological students, A manual for the use of the T.S.I., O. Ministry Studies Board, (1964)
23. Dubois, P.H. An Introduction to psychological statistics, Harper and Row publishers, (1965)
24. Edwards, A.L. Experimental design in psychological research, N. York, (1972)

25. Espinoza, J. El examen psicologico de la motivacion en los candidatos a la vida religiosa y sacerdotal, Ed. Pontificia Univ. Catolica del Ecuador, QUITO, (1969)
26. Felton, R.A. New ministers: a study of 1978 ministerial students to determine the factors which influence men to enter the ministry, Madison, N.J. Drew Theo. S. (1949)
27. Feroso, P. Tecnicas psicologicas na seleçao dos candidatos, Seminários, n.14, (1961)
28. Fichter, J.H. The religious professional, Relig. Rev. Res. 1, (1959)
29. Glass, V.T. An analysis of the sociological and psychological factors related to the call to Christian service of the Negro Baptist Minister, N. York, (1956)
30. Gutierrez, M. Motivazioni insufficienti per la vita religiosa, Orientamenti Pedagogici, Roma, 78, (1966)
31. Hammer, E. Testes proyectivos graficos, Ed. Paidos Bs. As. (1969)
32. Harman, A.P. Motivating Factors entering into the choice of the ministry, A case study of ministerial students, Ph.D. Univ. Chicago, (1930)
33. Herr, Arnold, et al. Screening candidates for the priest- and religious life, Loyola Press, Chicago, (1964)

34. Kenoyer, Sister M. The influence of religious life on three levels of perceptual processes unpublished doctoral dissertation, Fordham Univ., N. York, (1961)
35. Kling, F. R. The motivations of ministerial candidates, Res. Bull. 59, (1959)
36. Kohls, Sister T. The relation between personal adjustment and spirituality in religious-sisters, unp. master's dissertation, Fordham University, N. York, (1958)
37. McClelland, D. Studies in motivation, Appleton Cent. Crofts, New York, (1955)
38. Madsen, K. M. Teorias de la motivacion, Ed. Paidós, Bs. As. (1967)
39. Marchand, F. Étude psychologique des motivations d'une vocation, Supp. Vie Spir. 72, (1965)
40. Matignon, R. Motivation de la vocation, Supp. Vie Spir. 56, (1961)
41. Mastej, Sister M. A study of the influence of the relig. on the personal adjustment of religious womwn as measured by a modified form of the MMPI, unpublished doctoral dissertation, Fordham Univ. (1954)
42. Marzi, A. La motivation, Symposium de L'Association de psychologie scientifique de langue française, PUF, Paris, (1959)
43. McCarthy, T. N. Evaluation of the present scientific status of screening for religious vocation, In selected papers from the ACPA meetings of 1957-58, fordham Un. (1960)

44. McGuigan, F. J. Experimental psychology; A methodo - logical approach, 2nd, ed. N. Jersey, Prentice Hall, (1968)
45. Moore, T. V. In Eccl. Review, n.95, (1936)
46. Nodet, Ch. Considerations psychoanalytiques à / des attraites névrotiques à la vocati- on religieuse, Supp. Vie Spir. n.14, (195)
47. Nuttin, J. Tache, réussite et echec - theorie de la conduite humaine, Publications Uni. de Louvain, (1953)
48. Peters, Sister R. A study of the interrelations of personality traits among a group of of novices, Catholic Univ. Of America, Washington, (1942)
49. Ple, A. Peut-il exister des attraites inconsci ents à la vie religieuse? Supp. Vie / Spir. n.14, (1950)
50. Reindl, Sister M. A description of personality pattern changes in religious at various level of training, unpub. doctoral diss. Loyola Univ. Chicago, (1965)
51. Southard, S. Conference on motivation for ministry Louisville, Southern Baptist Theo. Sem. (1959)
52. Springstead, M. Problems of Postulants and Novices in selected communities, unpub. doctoral dissertation, Fordham Univ. N.Y., (1970)

53. Urschaltz, Sister M. Selected areas of personal adjustments related to length of community membership and vocation values among religious women, unpub. doctoral dissertation, Fordham U. (1959)
54. Van Kolck, t. Aspectos psicológicos da Vocação Religiosa e Sacerdotal, in Rev. de Psic. Normal e Patológica, n.4 (1961)
55. Vaughan, R.P. A comparative study of personality differences between contemplative and active religious women, Unpub. doctoral dissertation, Fordham Univ (1954)
56. Valdieso, L.B. Motivation et normalité chez les seminaristes, Supp. Vie Spir., 93, (1970)
57. Vytautas, J. Profile psychologique contemporain des religieux, Supp. Vie Spir. 93 (1970)
58. White, Sister M.R. A follow up study of candidates in a religious community, Unpub. doctoral dissertation, Fordham Univ. (1970)

QUADROS

Q U A D R O I

INDICES MOTIVACIONAIS OBTIDOS

GRUPO DAS RELIGIOSAS

1- 95
 2- 114
 3- 159
 4- 109
 5- 145
 6- 105
 7- 109
 8- 100
 9- 114
 10- 65
 11- 77
 12- 109
 13- 123
 14- 109
 15- 132
 16- 118
 17- 136
 18- 109
 19- 114
 20- 109
 21- 127
 22- 136
 23- 132
 24- 100
 25- 114
 26- 123
 27- 132
 28- 127
 29- 123
 30- 118
 31- 109
 32- 100
 33- 95
 34- 150
 35- 109

GRUPO DAS ENFERMEIRAS

1- 100
 2- 100
 3- 64
 4- 95
 5- 136
 6- 127
 7- 82
 8- 114
 9- 118
 10- 141
 11- 109
 12- 105
 13- 127
 14- 100
 15- 109
 16- 118
 17- 95
 18- 86
 19- 100
 20- 132
 21- 68
 22- 105
 23- 86
 24- 109
 25- 95
 26- 105
 27- 136
 28- 132
 29- 100
 30- 91
 31- 100
 32- 109
 33- 109
 34- 123
 35- 68

QUADRO II

REGIÃO DE PROCEDÊNCIA

Grupo das religiosas

M. Gerais:	3, 7, 11, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35	= 16
Sta. Catarina:	4, 12, 13, 14, 19	= 5
Est. do Rio:	6, 8, 18, 20	= 4
Nordeste:	1, 2, 5	= 3
Paraná:	9, 24, 25	= 3
Esp. Santo:	10, 26, 27	= 3
S. Paulo:	29	= 1

Grupo das enfermeiras

Guanabara:	1, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 14, 15, 16, 20, 21, 23, 24, 25, 33, 34, 35	= 25
Est. do Rio:	2, 10, 13, 19, 20	= 5
Nordeste:	8, 17	= 2
M. Gerais:	18	= 1
Maranhão:	9	= 1
Pará:	22	= 1

Q U A D R O I I I

NIVEL SÓCIO ECONÔMICO

GRUPO DAS RELIGIOSAS

Inferior:	6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 28, 31, 32, 33	= 17
Médio:	1, 2, 3, 5, 10, 16, 17, 18, 24, 26, 27, 29, 30	= 13
Elevado:	4, 8, 9, 34, 35	= 5

GRUPO DAS ENFERMEIRAS

Inferior:	2, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 20, 22, 26, 32	= 15
Médio:	1, 3, 5, 10, 16, 18, 23, 24, 25, 29, 33, 34, 35,	= 14
Elevado :	19, 21, 28, 30, 31, 4	= 6

INFERIOR: Não ter nenhuma posse, profissão que não rende monetariamente, etc.

MÉDIO: Ter casa própria, profissão que exerce, possuir família numerosa, etc.

ELEVADO: Possuir casa, carro, empregadas domésticas, etc.

Q U A D R O I V

I D A D E

GRUPO DAS RELIGIOSAS

20 anos	= 13, 18, 30, 32	= 4
21 "	= 12	= 1
22 "	= 4, 7, 14, 31	= 4
23 "	= 0	= 0
24 "	= 24, 29	= 2
25 "	= 9, 28	= 2
26 "	= 16, 17, 19, 20, 21, 22, 27	= 7
27 "	= 2, 25, 33	= 3
28 "	= 1, 3, 6, 15	= 4
29 "	= 5, 11	= 2
30 "	= 8, 10, 23, 26, 34, 35	= 6

GRUPO DAS ENFERMEIRAS

20 anos	= 14, 19, 16, 21, 22, 27, 28	= 7
21 "	= 15, 20, 23, 26, 29, 31	= 6
22 "	= 12, 18, 32	= 3
23 "	= 1, 7, 24, 30	= 4
24 "	= 6, 11, 17, 33	= 4
25 "	= 10, 34	= 2
26 "	= 2	= 1
27 "	= 3, 8, 13, 25, 35	= 5
28 "	= 4, 5	= 2
29 "	= 0	= 0
30 "	= 9	= 1

ANEXOS

A N E X O I

- Nº _____ Idade _____
1. Instrução _____
 ...Primária
 ...Ginásial
 ...Colegial-Normal
 ...Superior
2. Completei...anos de vida religiosa _____
3. Congregação a que pertence _____
4. A cidade em que voce morava quando resolveu entrar para a vida religiosa era uma cidade:
 ...Com menos de 5.000 habitantes
 ...Pequena (população entre 5.000-30.000 habitantes)
 ...Média (população entre 30.000-100.000 habitantes)
 ...Grande (população superior a 100000 habitantes)
5. Esta cidade fica no estado de: _____
6. Com que idade voce começou a sua formação para a vida religiosa?
 ...antes de completar 10 anos
 ...10-15anos ...14-17 ...18-21 ...22-25 ...26-29 ..30
7. Antes de entrar para a vida religiosa voce exerceu alguma atividade como:
 ...professora ...costureira ...prendas domésticas
 ...enfermeira ...balconista ...funcionária pública
 ...secretária ...recepcionista ...assistente social
 ...outra
 Qual? _____
8. Na Congregação qual é a sua atribuição?
 ...estudante
 ...estudante e professora
 ...trabalhos domésticos
 ...Professora
 ...encarregada da tesouraria
 ...encarregada da rouparia
 ...porteira
 ...sacristã
 ...catequese na paróquia
 ...trabalhos na favela
 ...outra
 Qual? _____

9. Na família existem outros religiosos?

...tios ...tias irmãos ...irmãs ...primos ...primas
...sobrinhos ...padrinho ...madrinha

Quantos ao todo?.....

10. Pai: idade... vivo?... falecido?... Há quantos anos?...
Mãe: idade... viva?... falecida?... Há quantos anos?...
profissão que exerceu ou exerce (pai).....
Profissão que exerceu ou exerce (mãe).....
Irmãos: quantos?....Qual a sua posição entre eles?
(Se é a 1ª, 3ª, 4ª, 6ª, etc.)

A casa onde sua família mora é própria?... Alugada?..
Existe empregada doméstica? sim... não... Quantas?..
Seus pais têm carro? sim... não...

ATENÇÃO: NAS QUESTÕES ABAIXO MARQUE SOMENTE UMA DAS ALTERNATIVAS

11. Como voce descobriu que tinha vocação para a vida religiosa?

...comecei a sentir o desejo de viver mais radicalmente
meu amor a Cristo
...conheci uma religiosa cuja vivencia despertou em mim o
ideal religioso
...comecei a sentir o desejo de fazer algo grande
...achei que na hora de minha morte esta escolha ia me fazer mais realizada.
...após uma decepção vi como são passageiras as coisas /
deste mundo.

...outro motivo

Qual?.....
.....

12. Por que voce escolheu a congregação à qual voce pertence?

...estudei com as irmãs desta congregação.
...na minha cidade só havia esta congregação.
...meu confessor me aconselhou esta congregação.
...tinha uma tia.. irmã.. prima.. nesta congregação.
...veio uma irmã desta congregação pregar missão na minha cidade.

...trabalhei com estas irmãs.

...li um livro ou revista que falava desta congregação.

...gostei do modo delas serem.

...alcancei uma graça por intermedio do Sto.fundador.

...queria ser missionária e estas irmãs tinham casas entre os índios.

...outro motivo

Qual?.....

13. Procure imaginar-se daqui a 10 anos.
O que voce estara realizando?

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

14. Qual foi a atitude de sua família diante de sua vocação?

-muita aceitação
-bastante aceitação
-indiferença
-pouca aceitação
-nenhuma aceitação

15. Se uma jovem viesse lhe dizer que está pensando em entrar para o convento, voce diria a ela que voce:

-está absolutamente de acordo
-aprove em parte
-está indecisa
-não desaprova completamente
-desaprova veementemente

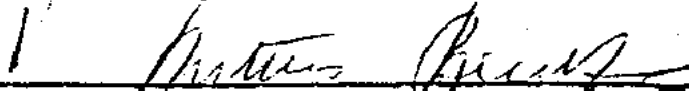
16. Tratando-se de uma jovem que decidiu-se pela vida religiosa mas não escolheu ainda a congregação, voce gostaria que ela entrasse:

-na sua própria congregação
-não teria uma opinião formada
-em outra congregação

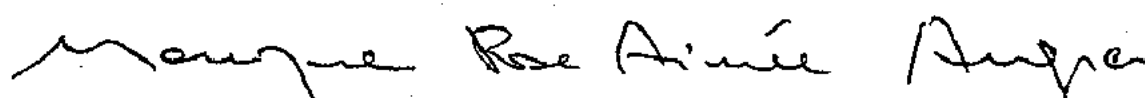
A N E X O I I

- Nº _____ Idade _____
1. Escola a que pertence _____
 2. Você está cursando o ano
 3. Estado civil: solteira... casada... desquitada...
 4. A cidade onde você passou sua infância era uma cidade:
 - ...com menos de 5.000 habitantes
 - ...pequena (população entre 5.000-30.000 habitantes)
 - ...média (população entre 30.000-100.000 habitantes)
 - ...grande (população superior a 100.000 habitantes)
 5. Esta cidade fica no estado de: _____
 6. Além de estudante você exerce alguma profissão? sim.. não..
Qual? _____
 7. Na sua família existem outras pessoas que se dedicaram à enfermagem?
 - ...tios ...tias ...irmãos ...irmãs ...primos
 - ...sobrinhos ...padrinho ...pai ...mãe
 - Quantos ao todo?.....
 8. Pai: idade... vivo?... falecido?...há quantos anos?....
Mãe: idade... viva?... falecida?...há quantos anos?....
Profissão que o pai exerceu ou exerce
Profissão que a mãe exerceu ou exerce
Irmãos: quantos?.... qual a sua posição entre eles?....
(Se é a 1ª, 3ª, 4ª, etc.)
A casa onde sua família mora é própria?...alugada?.....
Existe empregada doméstica? sim... não... quantas?.....
Seus pais têm carro? Sim... Não...
Você tem carro? sim... não...
 9. Por que você escolheu a enfermagem?
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

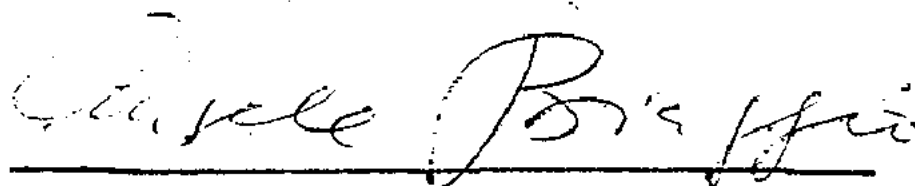
Tese apresentada no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, fazendo parte da Banca os seguintes professores:



Pe. Antonius Benko S. J.



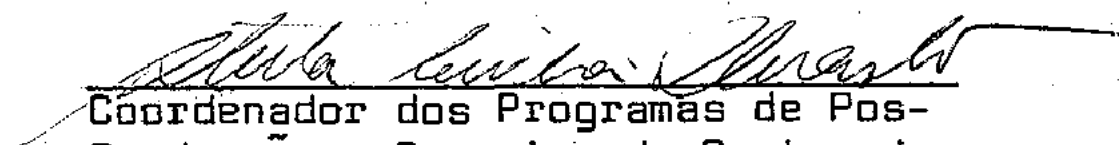
Dra. Monique Rose-Aimée Augras



Dra. Angela Biaggio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 13 de março de 1955



Coordenador dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências Humanas